

número 5 - outubro 2001

# vou te contar

A REVISTA DO CENSO 2000

## O exército invisível do Censo 2000



número 5 - outubro 2001

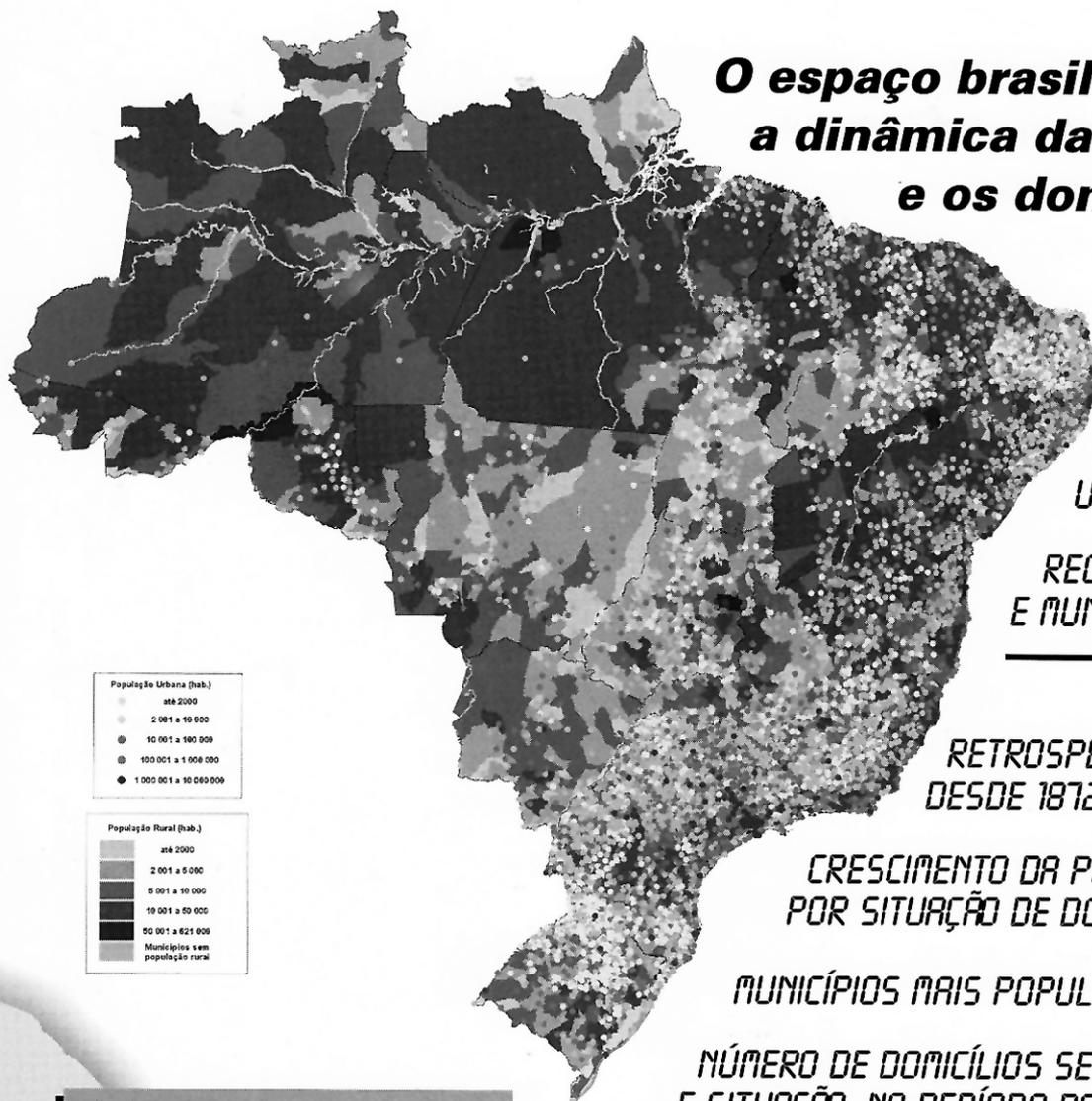
# vou te contar

A REVISTA DO CENSO 2000



# SINOPSE PRELIMINAR DO CENSO DEMOGRÁFICO 2000

**O espaço brasileiro,  
a dinâmica da população  
e os domicílios**



INFORMAÇÕES PARA  
O BRASIL,

UNIDADES DA FEDERAÇÃO,

REGIÕES METROPOLITANAS  
E MUNICÍPIOS.

RETROSPECTO DOS CENSOS  
DESDE 1872.

CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO TOTAL E  
POR SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO.

MUNICÍPIOS MAIS POPULOSOS.

NÚMERO DE DOMICÍLIOS SEGUNDO A ESPÉCIE  
E SITUAÇÃO, NO PERÍODO DA  
OPERAÇÃO CENSITÁRIA.

MÉDIA DE MORADORES POR DOMICÍLIO,  
ALÉM DE OUTROS DADOS

População Urbana (hab.)  
até 2000  
● 2 061 a 10 000  
● 10 001 a 100 000  
● 100 001 a 1 000 000  
● 1 000 001 a 10 000 000

População Rural (hab.)  
até 2000  
■ 2 001 a 5 000  
■ 5 001 a 10 000  
■ 10 001 a 50 000  
■ 50 001 a 621 000  
Municípios sem  
população rural

O CD-ROM encartado na Sinopse Preliminar do Censo Demográfico 2000 apresenta informações detalhadas dos municípios e distritos.

0800-218181  
www.ibge.gov.br

**IBGE**  
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

# Na trilha do Censo 2000

Foto: Octales Gonzales



O trabalho de apuração do Censo 2000 continua em ritmo acelerado. Muitas são as etapas a cumprir. Uma área que, praticamente, não foi ressaltada foi a administrativa. Ironicamente, porque trabalhou bem e quando uma área meio trabalha bem ela se torna invisível, ou seja, não é notada. Por isso, fazemos questão de dedicar esta edição à Diretoria Executiva, às Divisões Regionais de Administração e às Coordenações de Administração do Censo nas Divisões Estaduais de Pesquisa, ou seja, àqueles que deram

tranquilidade para que tudo ocorresse como planejado.

Uma outra área que também atua em silêncio para levar o IBGE ao primeiro plano na mídia nacional é a Coordenação Geral de Comunicação. Na seção “Gente contando gente”, o coordenador Luiz Mario Gazzaneo fala sobre o desafiante trabalho de colocar os dados do IBGE nas manchetes.

Sem perder o fôlego, vamos mostrar a cobertura do lançamento da Sinopse Preliminar e na seção “Nos

estados”, chefes de Agência do IBGE, de três diferentes regiões do Brasil, contam suas experiências de trabalho com o SIGC – Sistema de Indicadores Gerenciais de Coleta.

Não deixem de ler a seção “Registro”, com os principais “causos” que sempre são contados a partir da experiência dos recenseadores na coleta.

Enfim, o trabalho continua. Há ainda muito mais para ler nesta edição da revista **Vou te Contar**. Desejo a todos uma boa leitura e que todos continuem com o mesmo empenho e dedicação para dar continuidade às suas tarefas e atividades, tendo sempre em vista que o trabalho de cada um somado ao do outro é o que faz o IBGE ser um órgão de pesquisa tão respeitado e reconhecido.

*Sérgio Besserman Vianna*

**Sérgio Besserman Vianna**  
Presidente do IBGE

## sumário

- **3 Editorial** – mensagem do presidente do IBGE, Sérgio Besserman Vianna
- **5 Conta-gotas** – curiosidades sobre o Censo no mundo
- **6 Matéria de capa** – área administrativa: os bastidores do Censo 2000
- **15 Espaço aberto** – delegação da Venezuela visita o IBGE para saber como foi a realização do Censo 2000
- **18 Gente contando gente** – o coordenador geral de Comunicação Social, Luiz Mario Gazzaneo, se revela um apaixonado pelo IBGE e suas pesquisas
- **22 Nos estados** – chefes de agências atestam a eficiência do SIGC
- **25 Reportagem** – projeto Vamos Contar! aguarda avaliação das escolas
- **27 Registro** – o Censo 2000 já tem história
- **29 Censo em foco** – lançamento da Sinopse Preliminar do Censo Demográfico 2000
- **32 Atualidades** – a vez do Censo 2000 na Bolívia
- **34 Ponto de vista** – as Comissões Censitárias Municipais na visão de seus membros

## expediente

### **Vou te contar – Revista do Censo 2000 - Publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**

Centro de Documentação e Disseminação de Informações – CDDI

Gerência de Promoção e Publicidade – GEPOM

Rua General Canabarro, 706/4º andar – Maracanã – Rio de Janeiro – RJ - 20271-201

Tel.: (21) 2514-0123 r. 4789/3547 Fax.: (21) 2514-0123 r. 3549

www.ibge.gov.br

e-mail: voutecontar@ibge.gov.br

**Gerente de Promoção e Publicidade:** Lúcia Regina Dias Guimarães

**Coordenadora do projeto e editora:** Rose Barros (Mtb. RJ 20.342)

**Redação:** Aglália Tavares, Elizabeth Amsler, Rose Barros e Valéria Vianna

**Projeto Gráfico:** Jorge Luís P. Rodrigues e Helga Szpiz

**Capa:** Renato J. Aguiar

**Diagramação:** Helga Szpiz

**Tiragem:** 6 000 exemplares

Permitida a reprodução das matérias e das ilustrações desta edição, desde que citada a fonte.

## Canadá



O Censo no Canadá, iniciado em maio de 2001, teve como principal novidade a inclusão de 52 perguntas novas em seus questionários. Informações sobre casais do mesmo sexo que vivem uma união estável; lugar de nascimento dos pais do morador recenseado e linguagem adotada no trabalho (no Canadá, o inglês e o francês são línguas oficiais), entre outras, foram coletadas no questionário da amostra. Cerca de 11,8 milhões de questionários, básico e amostra, foram enviados entre 1º e 12 de maio de 2001. Segundo os critérios adotados, um adulto em cada domicílio devia responder ao formulário recebido e enviá-lo, via correio, ao *bureau* de estatísticas canadense (Statistics Canada). Se ele fosse fazendeiro deveria responder também ao Censo Agropecuário.



## Austrália

Iniciado em 7 de agosto de 2001, o Censo da Austrália vai disponibilizar as informações coletadas para pesquisadores, de áreas como genealogia e história social, por exemplo, que desenvolverão projetos de pesquisa no século 22. Quem avisa é o Ministro dos Serviços Financeiros, Joe Hockey, na *homepage* do *bureau* de estatística australiano. Nomes, endereços, idades, profissões e demais dados somente dos recenseados que permitirem, através de opção incluída no questionário, ficarão arquivados no Arquivo Nacional do país por um século, podendo ser objetos de pesquisa.

## Camboja

Após 36 anos de intervalo, Camboja voltou a fazer o Censo em 1998. Com a abertura democrática proporcionada pelo governo instalado em 1993, o país requereu ao Fundo de População das Nações Unidas (FNUAP) suporte técnico e financeiro para realizar as atividades da operação. Foram concedidos 6,4 milhões de dólares, gastos em duas etapas distintas. Na primeira, foi realizado o Censo Experimental em 1995, junto com a criação do *bureau* do Censo. Já a segunda incluiu a preparação e condução do recenseamento, bem como processamento, análise e disseminação dos resultados.

## Letônia

De acordo com os resultados preliminares do Censo 2000 da Letônia, disponível no *site* do *bureau* de estatística ([www.csb.lv](http://www.csb.lv)), a população encontrada foi menor que a estimada. O país contou 2 milhões e 375 mil habitantes,



quando o previsto foi 2 milhões e 419 mil. Especialistas acreditam que este fato pode ser explicado por não haver registros de emigração, observada nos primeiros anos após o país declarar independência em 1991. A Letônia foi uma das primeiras repúblicas soviéticas, ao lado da Lituânia e Estônia, a se tornar independente. Em seguida, vieram Rússia, Ucrânia e Bielorrússia, que hoje fazem parte da Comunidade de Estados Independentes (CEI).

## Quirguistão

A língua é uma importante variável no Censo do Quirguistão, ex-república soviética, estando diretamente ligada às questões demográficas, econômicas e sociais. Qual a língua materna e a usada diariamente são algumas das perguntas introduzidas nos questionários do último Censo, realizado em 1999. Após declarar a independência em 1991, o Quirguistão tornou-se um país com múltiplas nacionalidades – 90, no total, incluindo a bielorrussa, letônia, lituana, estônia, russa, entre outras oriundas da extinta União Soviética – e dois idiomas freqüentemente usados. A língua oficial é o quirguiz, falada por 70% da população, estando o russo em segundo lugar, adotado, principalmente, no comércio, educação e administração federal.

# O exército invisível do Censo 2000

No planejamento do Censo 2000, iniciado quatro anos atrás, eles estavam lá.

Na coleta de dados, em todo o país, mesmo sem serem percebidos, eles também estavam lá.

E quem pensa que com o fim do trabalho dos recenseadores eles abandonaram o posto, está enganado. Eles continuam presentes e, como sempre, trabalhando duro.

É o exército invisível do Censo 2000. Um grupo de funcionários que cuida da parte administrativa da operação censitária, atuando em todas as suas etapas praticamente sem ser notado. Mas isso é um ponto positivo para essa equipe. É sinal de que o trabalho está sendo bem feito.

A administração do Censo 2000 é uma atividade-meio, ou seja, têm a função de dar suporte e fazer com que as demais áreas tenham condições de executar suas tarefas. Se tudo corre bem e o trabalho transcorre normalmente é porque a área administrativa está cumprindo com êxito a sua missão.

O exército invisível é composto pelos servidores da Diretoria Executiva (DE) e pelas equipes responsáveis pelas atividades administrativas do Censo 2000 nas Divisões Regionais de Administração – DIRADs e nas Divisões Estaduais de Pesquisa – DIPEQs. No total, são mais de 700 funcionários, entre efetivos e contratados, que realizam a coordenação geral

e dão apoio às atividades administrativas referentes à pesquisa em todo o país. Pessoas que continuaram desempenhando as suas atividades rotineiras e acrescentaram ao seu trabalho as tarefas administrativas do Censo 2000.

E ainda há muitas atividades a desempenhar até que os trabalhos do último censo do milênio estejam concluídos.

Para conhecer com mais detalhes o dia-a-dia deste exército incansável, a revista **Vou te Contar** foi ver de perto como funciona cada uma dessas áreas que, integradas às demais diretorias, dão vida à administração censitária.

O resultado você confere a seguir.

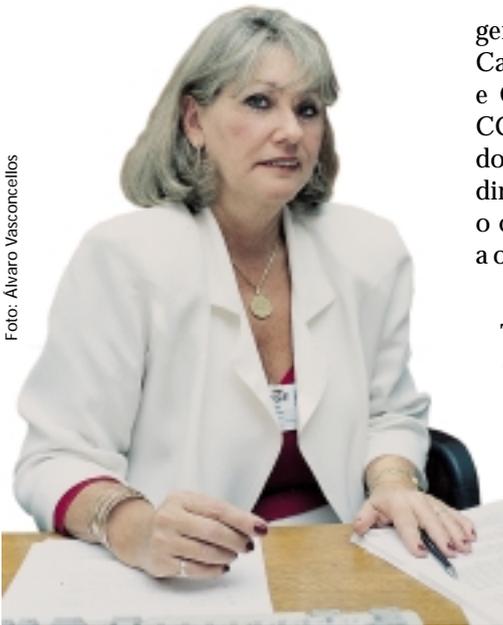
## Nos bastidores

Cuidar para que as coisas aconteçam. Esta é a missão da CPS – Coordenação de Planejamento e Supervisão – que tem à sua frente Margarete Cardozo.

Com a atribuição de subsidiar a DE nas atividades de coordenação geral, planejamento, orçamento, organização e atendimento às Unidades Regionais - URs, a CPS assumiu no Censo 2000 a Coordenação do Apoio Administrativo ao Censo, e vem suprindo o exército invisível da DE no que for preciso para se realizar a operação censitária da maneira mais eficaz e eficiente

possível. “Nossa atividade tem como objetivo principal dar suporte ao desenvolvimento das atividades finalísticas, como o Censo 2000, por exemplo. A CPS participou, direta ou indiretamente, de vários momentos para que a pesquisa, em suas várias etapas, acontecesse”, afirma Margarete.

Um desses momentos foi o da seleção de coordenador geral dos Centros de Captura de Dados (CCDs), organizada por Lana Lima, e que, segundo ela, foi mais uma novidade na operação censitária. “Todos os cargos de gerência sempre foram indicados pela direção do IBGE. Mas, nesse caso, optou-se pela seleção, de modo que as pessoas poderiam expressar a vontade de concorrer a um cargo de gerência”.



**Na opinião de Lana, o Treinamento Administrativo do Censo 2000 não foi só uma novidade, mas também um avanço.**

Do candidato exigia-se nível superior e experiência anterior em gerência, além de algumas características pessoais como criatividade, iniciativa para diagnosticar problemas, liderança, habilidade para trabalhar com pessoas de vários níveis de escolaridade e capacidade de atuar sob pressão.

Lana considera positiva a oportunidade dada aos funcionários de participar de um processo seletivo interno e acredita que a motivação para se inscrever foi o desafio de concorrer a um cargo de coordenador. “Para este tipo de função que exige conhecimento de rotinas e processos específicos, além de um comprometimento com a instituição, acho que foi ótimo aproveitar quem já trabalha na casa. Além do mais, eu acho que o que motiva essas pessoas a concorrer é o desafio de gerenciar”.

No total, 123 funcionários de várias unidades do IBGE se inscreveram, sendo que 94 currículos foram selecionados para fazer uma prova situacional. Os candidatos com as 20 maiores notas fizeram entrevistas técnica e social e passaram por um treinamento gerencial. No final, 4 coordenadores foram escolhidos para

gerenciar os CCDs de Campinas (SP), Campina Grande (PB), Goiânia (GO) e Curitiba (PR). O coordenador do CCD do Rio de Janeiro não participou do processo seletivo. Foi indicado pela diretoria do IBGE, considerando que o centro será aproveitado para servir a outras pesquisas, após o Censo 2000.

Margarete também cita o Treinamento Administrativo para o Censo 2000 como uma das atividades organizadas pela CPS, responsável pela capacitação das URs para atuarem como gestoras na pesquisa censitária.

Com o objetivo de unificar os procedimentos administrativos para todas as áreas do IBGE, o treinamento contou com a participação dos coordenadores administrativos do Censo em cada estado e contadores contratados especificamente para o Censo 2000.

Realizado em abril/maio do ano passado, o treinamento foi uma novidade e também um avanço no Censo 2000, na opinião de Lana, responsável por sua organização. Com dois módulos de conteúdo, Recursos Humanos e Recursos Financeiros, o treinamento ficou assim dividido para que todos os participantes pudessem comparecer e assistir a todas as exposições. “O período era curto e eles não podiam ficar no Rio um tempo maior. Então, enquanto um grupo assistia a um módulo, outro assistia a outro módulo”. E Lana faz ainda uma última análise sobre a importância do Treinamento Administrativo: “Além da

oportunidade dos funcionários se familiarizarem com as rotinas administrativas, acho que houve uma importante integração das URs com a DE. O saldo foi muito positivo.”

O trabalho da DE não pára por aí. “Atuamos no planejamento, quando a infra-estrutura está sendo montada; durante a coleta, quando os pagamentos estão sendo feitos e todos os insumos estão sendo garantidos para que o processo se realize; e por fim, encerrada a coleta, o processo continua com as rescisões contratuais, a emissão de declarações para imposto de renda, o fechamento das contas etc.”, conclui Margarete.

## Muita coisa para muita gente

Desde a compra de um simples grafite para a lapiseira do recenseador até o mais avançado equipamento de leitura ótica, tudo o que diz respeito ao material utilizado no Censo 2000 passa pela CRM - Coordenação de Recursos Materiais.

A lista dos materiais adquiridos para o Censo 2000 é grande. Os números, maiores ainda. Tudo providenciado e distribuído para as DIPEQs, agências, postos de coleta e CCDs pela CRM, que conta com uma dedicada equipe coordenada por Thais Moreira.



**A CRM, coordenada por Thais Moreira, comprou e distribuiu os materiais utilizados no Censo 2000.**

A CRM tem como principal tarefa prover os funcionários do IBGE de material para que possam desempenhar suas atividades, um trabalho que é acrescido de muitos outros em época de Censo.

E quando se planeja comprar visando ao Censo 2000, Thais é categórica: a regra número um é ficar atento aos prazos e às quantidades. “As operações que realizamos sempre são simples, mas tomam um vulto enorme devido a extensão do IBGE, mais ainda quando se trata de Censo. E cabe à CRM definir a melhor forma de fazer as compras. Nós seguimos certas regras, sempre tendo em mente quando e quanto vai ser comprado”.

Definidas as quantidades e os locais para onde serão enviados o material necessário à consecução da pesquisa, pela Coordenação Operacional dos Censos (COC), a CRM faz a sua parte que é viabilizar a compra e supervisionar a distribuição aos locais de destino. “Quem comprou o papel e o lápis do Censo 2000, por exemplo, fomos nós, mas quem decidiu quanto comprar e para onde seriam destinados foi a COC”.

E fazer com que o lápis e o questionário de coleta, por exemplo, cheguem na pontinha do país, não é tarefa fácil. Segundo Thais, comprar grandes quantidades e despachá-las para todo o Brasil exige grandes despesas e o melhor, nesses casos, é que tudo seja centralizado. “Quando você centraliza, você consegue preços atraentes. Os carros da frota adquirida para o Censo 2000, por exemplo, nós compramos de modo centralizado. Já as compras pequenas foram descentralizadas”.

Thais acrescenta que o papel da CRM não é só comprar e distribuir, mas garantir a entrega do material e a execução do serviço. É observar se na ponta está tudo correndo bem. “Depois de definido o planejamento das quantidades de material e serviços, nós entramos no bolo, provendo, ou seja, comprando, entregando, acompanhando as datas de envio, fiscalizando e controlando toda a operação para saber se tudo deu certo”.

Além da compra de 80% do material usado no Censo 2000, a CRM foi responsável pelo desenvolvimento e execução de mais duas atividades ligadas à pesquisa censitária. A primeira refere-se ao projeto de engenharia dos CCDs. “Os imóveis onde os centros estão instalados foram projetados pelo serviço de engenharia da CRM que também acompanhou a execução da obra, bem como atuou na fiscalização”.

Em fase de implantação, o segundo diz respeito à destruição dos questionários do Censo 2000. De acordo com Thais, trata-se de uma etapa que requer empenho e atenção dobrados, considerando-se o conteúdo sigiloso do que vai ser destruído. “É uma operação complexa, em se tratando de dados confidenciais. Vamos contratar uma empresa que vai destruir um material que não nos serve mais e não pode ser qualquer uma. Tem que ser de grande porte, com nome e experiência no mercado. Além disto, teremos que fiscalizar de perto esse trabalho, a ser feito em cada um dos cinco CCDs”.

## Cuidando de quem conta

Em épocas de censo, o IBGE aumenta o número de funcionários consideravelmente e, ainda que temporariamente, é preciso grande esforço para administrar esse contingente.

No Censo 2000, não foi diferente. Mais de 230 mil pessoas foram selecionadas e contratadas. A diferença em relação ao passado é que para administrar a contratação de algumas categorias, como os 6.407 agentes censitários municipais (ACM), 25.286 agentes censitários supervisores (ACS) e 199.934 recenseadores, foi criado um grupo para assumir essas atividades específicas da operação censitária.

Trata-se do Grupo de Trabalho para Assuntos de Recursos Humanos do Censo 2000 – GTRH – liderado por Franklin de Almeida e cuja equipe é formada por Eugenio Jesus Cepa e Mario José Silva de Andrade.

Apesar de contar com funcionários lotados na Coordenação de Recursos Humanos - CRH, o grupo está subordinado à Diretoria Executiva e foi criado para cuidar não só da contratação de pessoal, como do pagamento e outros assuntos específicos da área de RH. “A opção em montar uma equipe própria para o Censo 2000 foi com a intenção de não misturar com as atividades diárias da CRH devido ao volume e especificidade de contratos próprios da pesquisa censitária”, explica Franklin. Ele adianta que ao se encerrarem as atividades do Censo, o grupo se desfaz, mas pode ser reativado assim que houver a mesma necessidade.

Desenvolvido a partir de 1998, o trabalho do GTRH vem sendo executado de forma integrada com as

## Os números dos materiais do Censo 2000

Descrição	Quantidades
Lapiseira	250.000
Estojo grafite	300.000
Borracha de vinil	250.000
Bolsa do recenseador	230.000
Caneta esferográfica	200.000
Prancheta	200.000
Pasta de treinamento	80.000
Caixa de empastamento	525.000
Caixa master	75.000
Envelope kraft	250.000
Veículos	450
Computadores	1.800
Impressoras	1.200
Palm tops	1.200
Scanners	31



demais unidades do IBGE, o que, segundo Franklin, só trouxe resultados positivos. “A integração possibilitou um melhor entendimento das questões e atendimento das necessidades que uma operação censitária requer”.

Ele também aponta o acesso ao conhecimento de rotinas administrativas por parte dos funcionários que atuaram no Censo 2000 como um avanço, já que não houve esta preocupação na Contagem da População de 1996. “Pela primeira vez foi incluído nos treinamentos operacionais um módulo relativo aos procedimentos administrativos, o que tornou possível uma sintonia entre as áreas técnica e administrativa das unidades regionais”.

## Novidade mais que bem-vinda

Quando o assunto é aspectos positivos na realização do Censo 2000, o Sistema de Administração de Pessoal – SAP é sempre lembrado. Este sistema foi desenvolvido pelo GTRH em conjunto com funcionários da Diretoria de Informática - DI e da empresa Tecnocoop para cadastrar os ACMs, ACSs e recenseadores contratados, além de viabilizar o pagamento dos mesmos.

Dividido em dois módulos, cadastro (SAPCAD) e pagamento (SAPPAG), o sistema é alimentado e processado de modo diferenciado.

Tratando-se de cadastro, o sistema recebia as informações oriundas das agências e postos de coleta informatizados mediante a apresentação da documentação dos candidatos no ato de contratação.

Já o sistema de pagamento foi alimentado e processado com dados informados pelos Departamentos Regionais (DEREs) e Divisões Estaduais de Pesquisa (DIPEQs) para que pudesse gerar, em torno do dia 25 de cada mês, as folhas de pagamento dos ACMs e ACSs.

Com os recenseadores, que receberam de acordo com a produção, a mecânica era outra. Era preciso primeiro que o setor concluído fosse liberado pelo Sistema de Indicadores Gerenciais de Coleta (SIGC). Os dados, então, migravam para o SAPPAG para que o pagamento pudesse ser efetuado.

Para Franklin, o sistema apresenta duas grandes vantagens. A primeira é a descentralização das atividades de contratação de pessoal nos DEREs, DIPEQs, agências e postos de coleta. “Eu considero uma grande evolução o fato de o sistema permitir descentralizar a contratação por todo

**Mario José, Franklin e Eugenio formam o GTRH, criado para cuidar da contratação de pessoal, pagamento e outros assuntos da área de RH do Censo 2000.**

o território nacional. Na Contagem de 1996, tudo era centralizado nos DEREs e nas DIPEQs e mesmo contratando-se na ponta, a documentação tinha que ser encaminhada para a unidade de pessoal do Estado via malote”. Disto decorreu uma redução substancial na circulação de documentos durante a operação, o que representou um ganho marcante de produtividade. Com o sistema, o trâmite de papel, se não desapareceu, diminuiu bastante. “O SAP permite lançamentos de cadastro e pagamento *online*, que antes eram impossíveis de se realizar”.

E a outra grande vantagem foi a agilidade e rapidez no pagamento dos recenseadores. “Se os setores eram dados como encerrados hoje, amanhã já seria possível processar a folha de pagamento”. Na experiência anterior da Contagem, em 1996, os dados eram primeiramente transcritos em planilhas próprias remetidas aos DEREs e DIPEQs, para só depois serem lançados no sistema de pagamento utilizado na época. Enfim, estes inegáveis avanços certamente contribuíram para agilizar o trabalho de campo na medida em que, utilizando menos tempo com atividades de transcrição, remessa de documentos etc., os postos de coleta puderam se envolver mais intensamente com as atividades de coleta e supervisão, básicas à realização de um Censo de boa qualidade.

O diretor executivo do IBGE, Nuno Duarte Bittencourt, explicou que antes de se optar por criar um sistema de pagamento próprio, procurou-se externamente alternativas que se adaptassem às necessidades específicas de um Censo. Como não foi possível atendê-las, a saída foi montar um sistema para ser utilizado neste importante projeto.

Testado no Censo Experimental de Marília (SP), o sistema sofreu algumas alterações. No Censo 2000 foi implantado em, aproximadamente, 1.000 agências e postos de coleta e o resultado foi, na opinião de Franklin, um sucesso.

“Com todos os obstáculos que tivemos, normais quando se desenvolve um sistema novo, considero o trabalho do GTRH um sucesso, atingido graças ao empenho tanto do pessoal das áreas de RH dos DEREs e das DIPEQs quanto do pessoal da área de informática e da Tecnocoop. Todos foram incansáveis”, destaca Franklin. E disto ninguém no IBGE tem dúvidas, afinal a maior articulação, eficiência e transparência das ações da dita área-meio foram premissas que acompanharam sempre o comportamento cotidiano deste Grupo de Trabalho.

**Gustavo Castilho aponta o Sistema de Suprimento de Fundos como um dos aspectos positivos da administração no Censo 2000.**

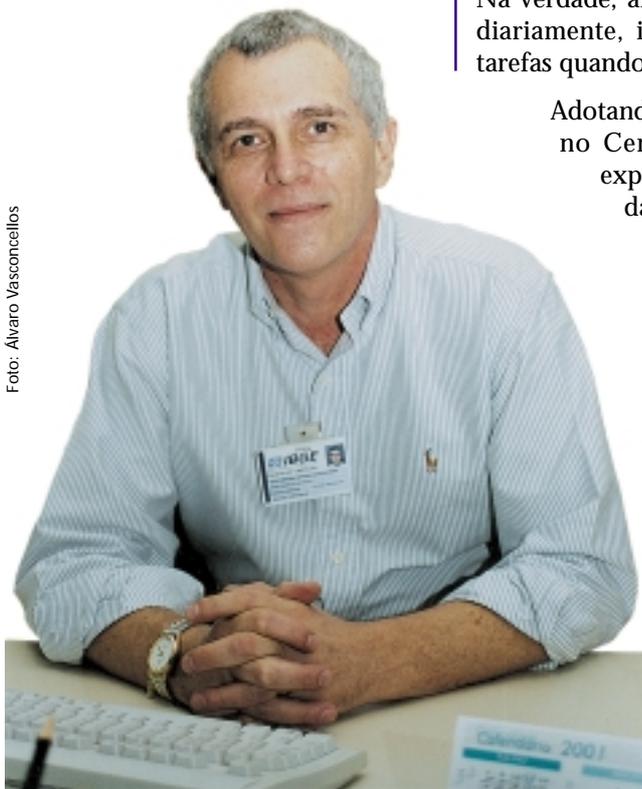


Foto: Alvaro Vasconcellos

## Sem dinheiro não tem Censo

Muito dinheiro transitando num curto período de tempo. Assim é o Censo 2000, do ponto de vista da COF – Coordenação de Orçamentos e Finanças.

A tarefa não é fácil: administrar os recursos (dinheiro) e os créditos (orçamentos) do IBGE, a partir do que é disponibilizado pelo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. E quando chega o Censo, as dificuldades são maiores, o que não quer dizer que a equipe de 71 funcionários coordenados por Reinaldo Silva Pereira não dê conta.

Segundo Gustavo Adolpho Castilho Freire, coordenador de projetos da COF, das 27 unidades regionais do IBGE, 24 desempenham a função de gestoras nesta época, ou seja, passam a administrar os recursos destinados à pesquisa censitária. “Se nas atividades normais do IBGE trabalhamos com dez Unidades Gestoras, quando chega o Censo, 14 são acrescidas. E o nosso papel é municiá-las de condições para que possam funcionar perfeitamente bem. Na verdade, além do que já fazemos diariamente, incrementamos nossas tarefas quando fazemos um Censo”.

Adotando a política de pensar no Censo 2000 a partir da experiência da Contagem da População de 1996, a COF desenvolveu e testou planilhas, sistemas informatizados e demais processos, até estabelecer um programa de trabalho. “Ao terminar a Contagem, fizemos uma avaliação para saber o que havíamos errado e acertado. Então passamos a rever o que havíamos feito. Grandes problemas aconteceram em

1996 devido ao preparo insuficiente de nossas equipes, das Unidades Gestoras, da escassez de recursos ao final dos trabalhos, além do que a base tecnológica disponível era incipiente”, explica Gustavo Castilho.

É importante ressaltar que todos estes aspectos de melhoramentos incorporados às atividades da COF foram testados e aperfeiçoados durante o Censo Experimental de 1999.

Uma das novidades implantadas pela coordenação foi a participação no Treinamento Administrativo do Censo 2000 com o módulo “Recursos Orçamentários e Financeiros”.

Destinada aos coordenadores administrativos de cada uma das Unidades Gestoras e aos Contadores, o módulo incluiu palestras sobre disponibilidade orçamentária, empenho e liquidação da despesa, apropriação contábil, programação e execução financeiras, conciliação bancária, suprimento de fundos e atribuições dos contadores, entre outros temas.

Segundo Gustavo Castilho, o Treinamento também foi um momento para integrar os contadores contratados para o Censo aos demais funcionários do IBGE. “Procuramos dar uniformidade aos conhecimentos repassados, considerando que havia pessoas novas na casa. O contador tem papel fundamental na nossa área de atuação, já que tudo o que fazemos deve ser registrado, documentado e validado pelos contadores”.

Gustavo Castilho também aponta o suporte técnico da COF junto às unidades gestoras como outra função assumida pela coordenação no período do Censo. Um grupo multidisciplinar ficou responsável por acompanhar as despesas das unidades gestoras a partir dos registros feitos no Sistema Integrado de Administração Financeira (SIAFI).

Ainda em relação ao suporte, a página da COF na intranet foi constantemente atualizada de modo a servir de fonte de consulta para as Unidades Gestoras que quisessem tirar dúvidas. “No nosso site, é possível encontrar instruções sobre toda a

administração orçamentária e financeira que ajudaram bastante as unidades gestoras. Funcionamos durante o Censo não somente como um *call center*, mas também como um *write center*, já que o correio eletrônico foi de fundamental importância ao nosso trabalho, agilizando a troca de informações”.

Outro ponto positivo para a COF foi o desenvolvimento e a adoção do “Sistema de Suprimento de Fundos” como ferramenta, que agilizou o processo de trabalho e a liberação de recursos para serem alocados na pesquisa censitária. “O Suprimento de Fundos é uma forma alternativa de pagamento que permite disponibilizar os recursos (dinheiro) em situações de excepcionalidade. Quando não se tem possibilidade de realizar despesas pela via normal (licitação), ou quando tais despesas são realizadas em viagem, por exemplo, recorre-se ao Suprimento de Fundos”. Outro aspecto favorável do sistema diz respeito às informações produzidas, em tempo real, e que permitiu aos gestores formularem suas decisões baseadas em dados concretos, e à COF, acompanhar toda essa movimentação de recursos”, esclarece Gustavo Castilho. Com essa alternativa, muitas despesas de pronto pagamento puderam ser efetuadas, com segurança, agilizando as atividades relacionadas ao Censo 2000.

## À frente do exército invisível

O sucesso de uma administração é quando o trabalho da equipe não é notado. Sinal de que está fazendo a sua parte para que o processo continue, sem atrapalhar ou causar problemas. Esta é a opinião de Nuno Duarte Bittencourt, diretor executivo do IBGE, que comanda o exército invisível da DE.

**Nuno Bittencourt avalia de modo positivo a participação da DE no Censo 2000.**

Em entrevista à *Vou te contar*, Nuno resume a participação da DE no Censo 2000, destacando os aspectos positivos e avaliando a participação da diretoria desde que se iniciaram os preparativos da operação censitária, até hoje, quando algumas atividades ainda estão sendo finalizadas.

**Vou te contar - Como o senhor definiria a atuação da DE especificamente no Censo 2000?**

**Nuno** - A atuação da DE tem dois aspectos: coordenação geral e apoio às atividades administrativas propriamente ditas. Nesta última, obtivemos um grande sucesso em todas as vertentes. A principal questão, em censos anteriores, foi o pagamento de recenseadores, sendo um calcanhar de aquiles tanto em 91 quanto em 96. Mas nós conseguimos resolver, mesmo com as dificuldades, baseados num trabalho de planejamento, descentralização e delegação de competência. Houve um ganho de tempo e pequenas dificuldades na fase de cadastro. Além do mais, o fato de não termos tido problemas é um ganho. Na verdade, o sucesso da administração é quando ela passa despercebida.



Foto: Octales Gonzales

**Vou te contar - Em que momento o trabalho da DE se conjuga com o de outras diretorias?**

**Nuno** - O Censo é uma atividade conjunta, ou seja, não existe o entregar o bastão de uma unidade para outra. É claro que todos nós trabalhamos para que a coleta tivesse tido sucesso, mas não tem só essa fase. Até hoje temos muito trabalho. A DE, por exemplo, faz a gestão dos CCDs junto com a COC e existem questões a serem contempladas nesse aspecto.

**Vou te contar - A função da DE é planejar e coordenar os trabalhos desenvolvidos pelo IBGE, além de coordenar atividades relativas à administração de RH, orçamento, recursos materiais, etc. Como é executar tais tarefas quando se trata de uma pesquisa do porte do Censo 2000?**

**Nuno** - Os aspectos de coordenação geral no Censo cresceram muito, principalmente porque temos a presidência da CPO (Comissão de Planejamento e Organização), que funciona com o apoio da COC que é a secretaria executiva. Mas é óbvio que existem os trabalhos contínuos. A casa precisa estar funcionando normalmente na época do Censo e funciona. Acho que o Censo é um impacto muito grande, não só na DE como no IBGE como um todo. O Censo é uma atividade que, sozinha, movimenta cinco vezes o orçamento de custeio da casa, portanto, o impacto na estrutura administrativa é enorme.

**Vou te contar - No Censo, principalmente no período de coleta, o IBGE aumenta o número de funcionários. Ainda que temporários, eles passam a ser administrados pelo instituto. Como o IBGE se prepara para isso e como é administrar um contingente tão grande?**

**Nuno** - Num período tão curto de tempo eu diria que é uma aventura. A gente faz isso porque o IBGE tem uma gigantesca capacidade de resposta quando mobilizado.

E é uma dificuldade fazer gestão de pessoal no serviço público hoje. Eu acho que uma das coisas mais difíceis foi montar a estrutura de gestão de RH para o Censo 2000, porque envolve transformar em gestores de RH pessoas de quase todo o quadro das DIPEQs. São pessoas que têm de gerir recursos humanos em cada um dos municípios. E acho que fazemos isso com razoável sucesso.

**Vou te contar** - *Comparando o Censo 2000 com os censos anteriores, como o senhor avaliaria o trabalho que vem sendo executado pela DE?*

**Nuno** - De diferente, tivemos o sistema de pagamento e o suprimento de fundos. O sistema de pagamento é a expressão maior do esforço da DE no Censo 2000, mas podemos apontar diversos outros. Um outro que cito é o trabalho integrado, ou seja, trabalhar conjuntamente para o sucesso do Censo 2000. Acho que o IBGE todo trabalhou para o Censo 2000 e essa é uma das razões do sucesso. Foram todas as unidades trabalhando juntas, permitindo alcançar o sucesso. Sinal de que todas as atividades de apoio deram certo. Se não tivéssemos conseguido as licitações, pagamentos e etc., não teríamos tido o sucesso que tivemos.

## Administrando o Censo em todo o Brasil

Mesmo longe da sede do IBGE, mais precisamente localizadas em Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Pará, Bahia, Brasília, Pernambuco e Ceará, as Divisões Regionais de Administração, ou DIRADs, também integram o exército invisível do Censo 2000.

Subordinadas aos DEREs, as DIRADs prestam apoio administrativo e assumem a função de coordenar as contratações, pagamentos, licitações e aquisição de material, quando se trata de Censo 2000. Na medida em que desenvolvem essas tarefas, garantem o bom andamento do trabalho realizado pelos postos de coleta, que

ficam livres para se concentrar em sua atividade fim.

As DIRADs são uma espécie de Diretoria Executiva em miniatura, já que executam quase todas as funções de coordenar atividades relativas à administração de recursos humanos, materiais e orçamentos, além das específicas de um Censo, só que em menor escala.

Para saber como foi administrar uma megaoperação como o censo, a **Vou te contar** conversou com cada um dos chefes dessas divisões, que falaram sobre as iniciativas que deram certo no Censo 2000.

## Minas Gerais

O chefe da DIRAD de Minas Gerais, Elpidio Dantas Gomes, destacou o sistema de pagamento SAPPAG e a contratação de pessoal pelas agências como os dois aspectos mais positivos da pesquisa. “Com o SAPPAG, que foi um grande ganho, todo dia a gente liberava o pagamento. E os auxiliares contratados para as agências assumiram a parte administrativa, deixando livre o pessoal da pesquisa”, explica Elpidio, ressaltando a importância do trabalho para os postos de coleta.

## São Paulo

Modesto Bonfim, da DIRAD de São Paulo, concorda com Elpidio no quesito pagamento, cujo atraso gerou problemas nos censos anteriores. “Tivemos problema quando passávamos o pagamento da nossa unidade para os recenseadores por conta dos erros na fase de coletar informações sobre contas bancárias. Mas com a informatização do sistema, melhorou muito”.

## Paraná

Na DIRAD do Paraná, o chefe Renato Bordingnon não teve grandes problemas, pelo contrário, afirmou que a DIRAD pode servir de modelo para os próximos censos, já que correu tudo bem no Censo 2000. “Eu não estou puxando o saco, estou dizendo o que vivi, vi e senti. Também viajei para o interior do estado e observei a organi-

zação das agências. Além do mais, quando a gente tem apoio de cima para baixo e pode responder de baixo para cima, se funda um alicerce que não tem como estremecer ou quebrar”.

## Pará

O volume de trabalho aumentou na DIRAD do Pará, em virtude do Censo, mas nada que não fosse possível dar conta, na opinião da chefe Rejane Maria Mouzinho Ribeiro. Segundo ela, eventos como o Censo ganham uma estrutura paralela. Estrutura capaz de fazer com que as tarefas sejam cumpridas dentro dos prazos e monitoradas pela DE. Rejane afirma que “sem as orientações e esclarecimentos recebidos seria difícil fazer tudo o que foi feito. Neste Censo tivemos muito apoio da sede, com roteiros, minutas, ou seja, comunicação. Isso melhorou demais em relação à Contagem da População de 1996, quando ficamos no escuro”.

## Bahia

Já para Maria do Socorro Pacheco de Pinho, que chefiou a DIRAD da Bahia na época da coleta, a política administrativa implantada representou um grande avanço. Política essa que previa a alocação de supervisores administrativos nos municípios de modo a dividir a sobrecarga de trabalho com os técnicos. “Eles gostam mais de estar em campo e menos de lidar com contratações e termos aditivos”.

Outro aspecto que ela salientou foi a interação do SIGC com o SAPPAG e o suprimento de fundos. “Com o suprimento, foi possível tanto efetivar pagamentos como fechar o exercício do ano 2000 com muita tranquilidade, o que não aconteceu nos outros censos”.

O Censo 2000 foi uma das últimas atividades de Maria do Socorro como servidora da ativa. Com a sua aposentadoria, é Geraldo Carvalho de Souza quem chefiará agora a DIRAD da Bahia e dá continuidade aos trabalhos de gerenciamento, execução e o controle das atividades de Recursos Humanos, Patrimônio e Finanças, de acordo com as orientações e supervisão técnica da sede.

## Brasília

Depois de acumular experiência em dois censos, 1991 e 2000, José Ribamar Melo Silva, chefe da DIRAD de Brasília, define o papel da DIRAD como facilitador. Na medida em que cuida da parte administrativa, dá suporte à área técnica. Dessa forma, todas as demandas administrativas são atendidas e as outras áreas podem trabalhar com tranquilidade.

De aspecto positivo, ele cita a descentralização do pagamento dos recenseadores possibilitada com o SAPPAG e concorda com Maria do Socorro em relação à implantação do sistema informatizado de suprimento de fundos como aspecto positivo.

## Pernambuco

Ayrton Albino Rodriguez, chefe da DIRAD de Pernambuco, concorda com José Ribamar e acrescenta a organização e o planejamento do IBGE para o Censo 2000. “Desde 1997, o instituto se programou para esse Censo. Fez inúmeras reuniões. E todas as decisões anunciadas pela DE e pela COC foram assumidas e cumpridas. Quando você planeja com antecedência para não gastar além do previsto, consegue alcançar a meta pretendida”.

## Ceará

A informatização dos postos de coleta, o SAPPAG, o SIGC e a contratação dos auxiliares censitários administrativos (ACAs) foram alguns dos aspectos que mais se destacaram na DIRAD do Ceará, na opinião da chefe Sonia Maria Almeida de Araújo. Ela também elogia como louvável e impactante a estrutura administrativa calcada nas figuras do coordenador e assistentes, principalmente por ter sido antecipada. Já se sabia como a estrutura estaria montada para que as tarefas fossem cumpridas. E Sônia conclui, quase resumindo, o papel das áreas administrativas do Censo: “Somos a função-meio vital que dá todo o suporte para a atividade fim de uma pesquisa”.

## Sucesso de Norte a Sul

Nesta complexa estrutura de divisão das atividades administrativas do Censo 2000, estão também as DIPEQs, onde coordenadores administrativos em cada estado e suas respectivas equipes fazem parte do exército invisível e comandam as tarefas referentes à administração nas suas unidades. Saiba através do depoimento de quem trabalhou na administração censitária o que foi mais positivo no Censo 2000.

“Os aspectos que deram certo na parte administrativa do Censo 2000 foram: a contratação em tempo hábil do pessoal administrativo temporário, possibilitando que tivessem um prévio conhecimento das atividades a serem desempenhadas; o sistema de cadastramento de pagamento de pessoal; o sistema de pagamento de diárias e o apoio dado pelo pessoal da sede e o treinamento ministrado, pelo qual só temos que agradecer.”

**Ana Ortência Teixeira Pinto**  
Coordenadora administrativa -  
DIPEQ/MT

“A maior dificuldade do setor administrativo de nossa DIPEQ/AC é o reduzido número de servidores do quadro para execução de uma operação de tamanha relevância como um Censo. O pessoal temporário atendeu às expectativas. No que se refere ao pagamento, funcionou razoável em alguns casos, por falta de estabelecimento de crédito em alguns municípios, no mais atendeu às expectativas.”

**Antonio Henrique de Souza**  
Coordenador administrativo -  
DIPEQ/AC

“Um dos aspectos mais importantes e fundamentais nas atividades administrativas do Censo 2000 foi o bom relacionamento e a receptividade das equipes de trabalho da sede. Podemos também destacar os seguin-

tes aspectos que efetivamente deram certo no Censo 2000: a contratação dos auxiliares censitários administrativos, o Sistema de Suprimento de Fundos, o SIGC e o Sistema de Pagamento.”

**Antonio Leal Patrício**  
Coordenador administrativo -  
DIPEQ/PB

“O que podemos citar de positivo é o desafio que é enfrentar os problemas que vão surgindo e ao mesmo tempo vão se resolvendo. Contamos com a presença de um Analista Contador, com uma equipe ótima de contratados específicos para a área administrativa e com o pessoal da casa, que vestiu a camisa pra valer. Toda essa engrenagem funcionou a contento, viabilizando o trabalho conjunto e harmônico, que ao final apresentou um resultado positivo. O que ficou foi uma bagagem enorme de conhecimentos, que poderão ser aplicados no futuro para corrigir possíveis falhas.”

**Aparecida Rodrigues**  
Coordenadora administrativa -  
DIPEQ/MS

“Os aspectos que deram certo na parte administrativa no Censo 2000 foram:

1 - Cadastramento dos contratados nas Agências e Postos Informatizados.

2 - Pagamento dos recenseadores através do SAPPAG.”

**Ari Azevedo Soares**  
Coordenador administrativo -  
DIPEQ/TO

“O Censo 2000 foi para nós um processo de aprender a fazer e conhecer. Representou um significativo avanço na nossa área de atuação. O Censo 2000 foi uma aventura. Aventura entre o relato de experiência, a reflexão, os caminhos possíveis e os resultados. Estes resultados foram benéficos e significativos, pois conseguimos cumprir metas, alcançamos objetivos.”

**Erinalda Soares Macedo**  
Coordenadora administrativa -  
DIPEQ/MA

“A informatização das agências viabilizou a descentralização das atividades de cadastramento dos recenseadores, agilizando esta etapa tão representativa. Manuais operacionais e de orientações foram bastante acessíveis, tanto os relativos ao SAPCAD/SAPPAG, quanto os relativos à parte financeira, muito bem elaborados. Disponibilidade dos recursos orçamentários/financeiros e implantação do Sistema Informatizado de Suprimento de Fundos: ferramenta ágil no processo de concessão, além de facilitar nas tarefas de acompanhamento e controle das despesas.”

**Flávia Marisa Klein**

Coordenadora administrativa -  
DIPEQ/RS

“Destaco como pontos que deram certo na parte administrativa a contratação dos Auxiliares Censitários Administrativos (ACA) – esses contratados nos deram um grande suporte, ajudando-nos a enfrentar quaisquer dificuldades – e o treinamento dos ACAs, que foi de essencial importância para todos, ajudando-nos a desenvolver nossas tarefas censitárias.”

**Jorge Elias Gomes Bezerra**

Coordenador administrativo -  
DIPEQ/AL

“Com relação a DIPEQ/SC, destacamos: a implantação do SAPPAG; a liberação de recursos financeiros em tempo hábil e quantitativo necessário; o fechamento de folhas de pagamento de produção dos recenseadores diariamente; a contratação de pessoal administrativo e informatização de postos de coleta. Desta forma foi garantida a realização do Censo 2000 nos prazos estipulados.”

**Lauro Pimentel Júnior**

Coordenador administrativo -  
DIPEQ/SC

“Destaco os seguintes aspectos positivos:

- a possibilidade de os censitários poderem receber seus proventos em qualquer agência bancária.

- o sistema de pagamento se comunicar com o SIGC e dele receber as informações necessárias para o cálculo do pagamento dos recenseadores.

- sistema de pagamento ágil e funcional.

- relatórios de recolhimentos sobre as folhas de pagamento e autorização de pagamento emitidos a partir do sistema.”

**Luciene Ribeiro Galart**

DIPEQ/RJ

“Apesar das dificuldades naturais que o nosso Amazonas apresenta, por ser uma região bastante extensa geograficamente, o censo na área administrativa transcorreu dentro das expectativas, graças a Deus e a fatores como: a inovação e implementação dos sistemas informatizados, aos recursos tecnológicos e principalmente ao grande apoio humano nos vários segmentos da Instituição. A implantação dos sistemas em nível regional muito contribuiu para o bom andamento dos trabalhos.”

**Naíze Araújo Silva**

Assistente administrativo -  
DIPEQ/AM

“Como em todos os Censos, a área administrativa é muito importante, desde a contratação até o acerto final. Os aspectos que deram certo na parte administrativa do Censo 2000 foram a iniciativa do IBGE em contratar pessoal administrativo, desde a coordenação administrativa até a agência, o sistema de pagamento, o sistema SIGC e o financeiro e o orçamentário, que não faltaram para o bom andamento do Censo.”

**Olindo Frazeto Filho**

Coordenador administrativo -  
DIPEQ/PR

“O Censo 2000 trouxe um conjunto de avanços tecnológicos e de procedimentos administrativos que foram extremamente úteis aos trabalhos, de forma a dinamizar as tarefas, a saber: antecipação da contratação dos ACAs; integração via internet do SIGC com o SAPPAG; contratação de um suporte administrativo para os postos informatizados e para as sedes das Unidades

Regionais; autorização de pagamento de ajuda de custos, tanto via suprimento de fundos como via sistema SAPPAG.

**Raimunda de Castro Fernandes**

Coordenadora administrativa -  
DIPEQ/CE

“Ao compararmos as atividades e agilidade dos Censos de 1996 e 2000, só temos a ressaltar sobre a qualidade administrativa do último Censo, onde a DE promoveu a valorização da área administrativa. Na área de RH, o SAPCAD/SAPPAG agilizou os pagamentos. Em Recursos Materiais, obtivemos o apoio na realização de compras e na prestação de serviços. Não podemos deixar de mencionar o desdobramento da COF para que pudéssemos realizar, de maneira satisfatória, os compromissos censitários assumidos.”

**Sandra Maria de Figueiredo -**

DIPEQ/GO

“Com relação aos aspectos positivos, esclareço: o SAPPAG que estava interligado com o SIGC, agilizando o pagamento aos recenseadores; as DIPEQs passaram a ser unidades gestoras, dando a elas uma certa autonomia de modo a executarem as tarefas concernentes ao Censo 2000.”

**Terezinha de Santana Almeida**

Coordenadora administrativa -  
DIPEQ/SE

“Saliento como aspectos positivos a criação de sistemas operacionais que facilitaram em muito as atividades das diversas áreas e a adoção do SAPCAD e SAPPAG, suprimento de fundos e protocolo que agilizaram o desenvolvimento de tarefas e simplificaram os procedimentos. A liberação de recursos em tempo hábil facilitou também o bom desempenho da coleta. Com isso, a parte de atuação administrativa da DIPEQ conseguiu superar obstáculos atingindo as metas e objetivos esperados.”

**Wdenizia Andrade de França**

Coordenadora administrativa -  
DIPEQ/RN



# Eles vieram de longe para ver o Censo 2000 de perto

O IBGE recebeu uma visita muito especial no mês de julho. Uma delegação do Instituto Nacional de Estadística da Venezuela (INE), composta por técnicos que atuam na coordenação do censo em seu país, veio conhecer detalhes da realização do Censo 2000 no Brasil. O planejamento, a coleta, a publicidade, a apuração dos dados, todos esses

aspectos, entre muitos outros, fizeram parte da pauta do encontro entre especialistas venezuelanos e representantes de diversas áreas do IBGE envolvidas nos trabalhos do Censo 2000.

Por não fazer parte do Mercosul, a Venezuela não participa das reuniões sobre o Censo Comum do Mercosul, que reúne Brasil, Argentina, Uruguai

e Paraguai, países membros do Mercado Comum do Sul, além de Bolívia e Chile. Por isso a visita às instalações do IBGE, entre os dias 10 e 13 de julho, foi tão importante para o INE que pôde trocar experiências, conhecer metodologias que vêm sendo aplicadas e ter acesso às informações sobre a realização do Censo 2000 no Brasil.



Para técnicos do INE, a visita ao IBGE possibilitou trocar experiências sobre os censos realizados no Brasil e na Venezuela.

## Os visitantes

Apesar de Brasil e Venezuela terem número de habitantes e extensão de territórios diferentes são países muito semelhantes em relação aos problemas que geralmente ocorrem num censo. Esta é a opinião do chefe das operações do Censo da Venezuela, Adalberto Cruz, que liderava o grupo visitante.

Segundo ele, tudo o que diz respeito ao censo brasileiro, principalmente o processo de recrutamento e seleção, o pagamento dos recenseadores, os pontos críticos, os problemas e as soluções encontradas, interessa à equipe da Venezuela, composta por mais seis pessoas.

Ao lado de Adalberto, acompanharam a visita o diretor de Informática do INE, Rodolfo Rodriguez; a chefe da Unidade de Recursos Humanos do Censo, Margarita Ibarra; a chefe da Unidade de Capacitação do Censo, Jeannete Lejter de Bascone; o diretor do INE e coordenador estadual do Censo, Argenis

Palácios; o chefe da Unidade de Processamento de Dados, Félix Gonzalez e o chefe da Divisão de Administração de Pessoal do Censo, Pedro Marrero

## O anfitrião

No encontro, o diretor-executivo do IBGE, Nuno Duarte Bittencourt, fez a apresentação do Censo 2000, enquanto o superintendente do Centro de Documentação e Disseminação de Informações (CDDI), David Wu Tai, falou sobre as ações de divulgação e propaganda no Censo 2000 e produtos de disseminação de resultados.

Já a coordenadora operacional dos Censos, Maria Vilma Salles Garcia falou do recrutamento e seleção das pessoas envolvidas na coleta e o coordenador técnico do Censo Demográfico, Marco Antonio Alexandre, fez uma apresentação sobre o treinamento e supervisão da coleta.

Para discorrer sobre o Sistema de Indicadores Gerenciais da

Coleta (SIGC), foi convidado o chefe da Divisão de Desenvolvimento de Sistemas do Censo Demográfico, Ataíde Venâncio, ficando o tema captura de dados sob a responsabilidade do coordenador de Informática do Censo 2000, Heleno Mansoldo.

A equipe venezuelana finalizou o encontro com uma visita ao Centro de Captura de Dados do Rio de Janeiro (CCD), em Parada de Lucas, onde foi recebida pelo coordenador-adjunto, Valci Furtado, e acompanhou todo o percurso dos questionários do Censo 2000, que inclui a recepção, preparação, digitalização, reconhecimento, verificação, crítica e a transmissão de dados.

## Quem faz o censo venezuelano

O INE na Venezuela corresponde ao IBGE no Brasil. O instituto foi criado por uma lei que entrou em vigor em 5 de junho de 2001, funcionando a partir dos recursos humanos, estruturais e orçamentários do já existente Escritório Central de Estatística e Informática (OCEI). Com a transferência da área de informática para o Ministério de Ciência e Tecnologia da Venezuela, o recém-criado INE tem maior autonomia institucional e modernidade técnica para se dedicar à área estatística.

Vinculado ao Ministério de Planejamento e Desenvolvimento da Venezuela, seus principais objetivos são: formular os planos estatísticos do país, zelar pelo cumprimento do sigilo sobre as informações e reger o Sistema Estatístico Nacional (SEN) que funciona como um integrador dos processos, estruturas e recursos estatísticos do estado venezuelano.

## Como se faz o Censo na Venezuela

De 1º de outubro a 30 de novembro de 2001, a Venezuela estará realizando a operação de coleta, cujo planejamento vem sendo pensado desde 1998.

Para visitar os domicílios e preencher os questionários, foram contratados recenseadores que ficarão responsáveis pelo recenseamento de um número predefinido de setores. Cada setor na área rural contém 100 domicílios, e, na área urbana, 200.

Diferente do Censo 2000 brasileiro, o Censo da Venezuela elaborou apenas um modelo de questionário, ampliado e dirigido a todos os tipos de domicílios. Contém perguntas que identificam a situação dos domicílios (tipo, condição de ocupação, uso, materiais predominantes, serviços básicos, combustível usado para cozinhar, sistemas de eliminação de dejetos e de lixo) e mais 38 perguntas, sendo dez para todos os moradores, nove para pessoas de três anos ou mais, 16 perguntas para pessoas acima de 10 anos e três para todas as mulheres acima de 12 anos.

Como produtos, elaborados a partir dos resultados apurados no censo, estão peças cartográficas, dados estatísticos sobre os domicílios para as unidades da federação, municípios, “paróquias” (equivalentes aos distritos brasileiros), povoados e segmentos; densidade populacional; projeções de população; índice e taxas de natalidade, fecundidade, mortalidade, analfabetismo, desemprego, setor informal e déficit habitacional; índice de qualidade ambiental, além de mapas de pobreza,

de desenvolvimento humano e caracterização dos “barrios” (onde vive a população mais pobre).

## Sensível diferença

O processo de definição e concepção do censo (planejamento, bases jurídicas, estrutura administrativa, logística, capacitação, criação e instalação de unidades técnicas, instalação de comissões de acompanhamento e conselhos técnicos, promoção e publicidade, avaliação etc.), realização (coleta) e, por último, o tratamento dos resultados são etapas desempenhadas pelo INE.

Para a distribuição do material e o tratamento dos questionários (recepção, crítica e codificação e processamento eletrônico), foi contratada a empresa norte-americana NCS Pearson International, especializada em tecnologia de automação de dados, para dividir o trabalho.

O acompanhamento da coleta é feito de forma semelhante à do censo brasileiro, mas, como ressaltou Adalberto Cruz, não tem o nível tecnológico proporcionado pelo SIGC, adotado pelo IBGE especificamente para a operação de 2000. Alcançar este padrão é a grande meta para o próximo Censo da Venezuela.

## Venezuela em números

Com 916.050 Km<sup>2</sup> de extensão, a Venezuela é um pouco maior do que o estado do Mato Grosso, situando-se a noroeste da América do Sul. Faz limite, a norte, com o mar do Caribe e com o Oceano Atlântico; ao sul, com o Brasil;

a Leste, com a Guiana e a oeste, com a Colômbia.

De acordo com dados apurados no último censo, realizado em 1990, a população era de 19.405.429 habitantes, e em 2000 foi estimada em 24,2 milhões, distribuídos em 23 estados, um Distrito Federal e 74 ilhas espalhadas no Mar do Caribe. Deste total estimado, 85% está concentrado em cinco de suas cidades: Caracas, Maracay, Valencia, Barquisimeto e Maracaibo. A densidade populacional é de 20,1 habitantes por Km<sup>2</sup>.

A população é predominantemente católica (cerca de 92%), com uma maioria etnicamente mestiça (mistura de índios, negros e brancos), em torno de 69%, à qual incorporou a imigração européia, particularmente a espanhola, a portuguesa e a italiana. Os indígenas são hoje apenas cerca de 2%.

É um país de população jovem: 37% têm menos de 15 anos e 65%, menos de 30, com um índice de analfabetismo de 7%, calculado em 2000.

O país obteve um alto índice de crescimento econômico entre 1950 e 1980, resultado da exploração das grandes reservas de petróleo que possui, gerando novas demandas por serviços, educação, saúde, moradia, emprego. A indústria do refino de petróleo é também a mais importante da Venezuela, seguida da metalúrgica, siderúrgica, alimentícia e química.

Politicamente a Venezuela alternou governos militares e civis, fez em 1999 uma nova Constituição e tem no governo, eleito pelo voto popular, Hugo Chávez, militar e líder de um movimento político nacionalista surgido nos anos 90.

# Uma nova paixão aos 73 anos

Foto: Alvaro Vasconcellos



Gazzaneo se autodefine como cordial e transparente, do mesmo modo que define o IBGE.

No nono andar do prédio onde está instalada a sede do IBGE, no centro da cidade do Rio de Janeiro, funciona a Coordenação Geral de Comunicação Social (CGC), encarregada de cuidar da divulgação dos estudos e pesquisas realizados pelo instituto, de seus resultados e do próprio IBGE na mídia em geral. É o canal de comunicação entre o IBGE e a imprensa. E o destaque da seção “Gente contando gente” desta edição é o coordenador da CGC, jornalista Luiz Mario Gazzaneo, que falou à **Vou te Contar**, tentando ser – como ele mesmo sugeriu na entrevista – parecido com o IBGE: cordial e transparente.

Tentou e conseguiu.

Muito simpático, esse profissional de quase 50 anos de carreira, que já passou por jornais como o **Notícias de Hoje**, **Última Hora**, **Jornal do Brasil** e **O Globo**, falou sobre o que considera interessante no trabalho de assessoria do IBGE e mais especificamente sobre a atuação da Comunicação Social no Censo.

Comentou também sobre o que precisa ser feito para fortalecer ainda mais a imagem do Instituto que, segundo ele, “é excelente” e fez questão de elogiar sua equipe. Ele chama a atenção para o aumento do assédio da imprensa ao IBGE, que vem cobrando que se façam mais entrevistas coletivas para obtenção de informações sobre números, pesquisas, estatísticas.

“Não é nenhum mérito nosso (da assessoria), o produto é que é bom”, ressalta.

**Vou te contar** – *Fale sobre o papel da assessoria de imprensa do IBGE nesse trabalho específico do Censo.*

**Gazzaneo** – Quando eu assumi a assessoria, a área de comunicação social e mais especificamente a BR Comunicações, empresa que foi contratada especialmente para fazer a cobertura do Censo 2000, já tinha feito um trabalho fundamental, que era o de divulgar o Censo, mostrar a sua importância e estimular o cidadão a receber o recenseador. Acho que do ponto de vista da relação comunicação social-Censo, esse trabalho realizado pela BR, junto com a CGC, evidentemente, porque a CGC ajudou, foi fundamental para levar a idéia do Censo, a importância do Censo para a população brasileira. Quando eu cheguei, esse processo já havia sido desencadeado. Eu entrei na CGC em setembro de 2000 e, inicialmente, cuidei apenas de me familiarizar com o trabalho, conhecer a instituição, as pesquisas e os produtos do IBGE.

**Vou te contar** – *Você teve alguma dificuldade para se situar?*

**Gazzaneo** – Não, nenhuma. Nenhuma, até porque a instituição é muito transparente, o material é de primeiríssima qualidade e fácil de trabalhar.

**Vou te contar** – *Fácil de trabalhar em que sentido?*

**Gazzaneo** – Fácil de trabalhar no sentido de que na medida em que a gente dispõe dele (do material) e tem os técnicos que o IBGE tem para atender aos meios

de comunicação social, isso torna muito fácil a relação IBGE - meios de comunicação.

**Vou te contar** – *A imprensa costuma desconfiar das informações do setor público dadas pelas assessorias?*

**Gazzaneo** – No nosso caso, não. Por conta do que é a instituição. Da credibilidade, da confiabilidade que o produto IBGE tem na mídia em geral.

“O IBGE colabora com a mídia, até porque tanto o IBGE quanto a mídia entendem que o meio através do qual o IBGE pode chegar à sociedade com os resultados das pesquisas é a mídia.”

**Vou te contar** – *É boa a imagem do IBGE.*

**Gazzaneo** – Eu posso dizer que é excelente a imagem do IBGE. Eu estou aqui há um ano, e posso dizer que nunca tive que enfrentar nenhuma questão mais séria em relação ao IBGE-imprensa, muito pelo contrário. A não ser aquele episódio da reportagem da Revista Época sobre o Censo, que a meu ver é um episódio significativo, porque mostra como o IBGE é transparente e o modo como o IBGE atendeu a Época. Nós não tivemos, não temos problema. A relação hoje, vamos dizer, da CGC e da mídia é a mais estreita possível. O IBGE colabora com a mídia, até porque tanto o IBGE quanto a mídia entendem que o meio através do qual o IBGE pode chegar à sociedade com os resultados das

pesquisas é a mídia. E a mídia entende isso e confia.

**Vou te contar** – *E como é feita a escolha dos veículos para a divulgação?*

**Gazzaneo** – Nós não escolhemos veículo, nós não privilegiamos ninguém. Todo o material produzido pelo IBGE é divulgado equanimemente para toda a mídia. É evidente que o grande veículo da mídia, pelos recursos de que dispõe e até pela proximidade física com o IBGE, o assédio do IBGE, vamos dizer assim, usufrui melhor da disponibilização desse material, o que não significa que a gente o esteja privilegiando.

**Vou te contar** – *Indo um pouco além do Censo, existe alguma rotina para a divulgação dos resultados das demais pesquisas do IBGE?*

**Gazzaneo** – Existe, existe uma rotina. Como é que é feito esse trabalho? A CGC tem três linhas de trabalho: a primeira e fundamental, que é a da divulgação das pesquisas conjunturais – Pesquisa Mensal de Emprego (PME), Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), Produto Interno Bruto (PIB) etc. Então na nossa rotina nós temos o calendário de divulgação, outro avanço que a gente deve ressaltar: o IBGE, este ano, pela primeira vez, tornou público com muita antecedência o calendário anual das pesquisas conjunturais e caminha para tornar público também o calendário das pesquisas estruturais. Então isso é importante, até para fortalecer a credibilidade do

IBGE. Nós temos uma etapa em que nós preparamos o *release* (comunicado para a imprensa), nos casos mais importantes nós fazemos uma coletiva, quando é uma pesquisa conjuntural, o PIB por exemplo. Bom, já falamos do *release*, divulgamos à imprensa na hora legal, isto é, na hora definida pela resolução governamental de que as nossas pesquisas têm que ser divulgadas às 9h30min, faz-se a coletiva e a CGC estabelece uma ponte para atender posteriormente à coletiva. E quando não há coletiva, atendemos normalmente aos pedidos dos jornalistas.

**Vou te contar** – *A projeção do IBGE na imprensa é igual, havendo ou não entrevista coletiva?*

**Gazzaneo** – Se a gente consegue resolver o problema da informação de que o jornalista precisa, através da própria CGC, e o pessoal da CGC é muito capacitado para isso, o resultado é tão bom quanto. Eu tenho que aproveitar para dizer que, quando eu cheguei aqui, encontrei uma equipe de primeiríssima qualidade e é verdade, não estou fazendo nenhum elogio fácil. Os profissionais que trabalham comigo são de primeiríssima qualidade e conhecem o produto que o IBGE divulga e isso facilita, inclusive, na relação com os jornalistas e, às vezes, alivia muito o trabalho dos técnicos. Porque muitas vezes as informações que os jornalistas pedem, o pessoal da própria CGC se encarrega de difundir.

**Vou te contar** – *Com as pesquisas estruturais, a rotina é a mesma? E com o Censo?*

**Gazzaneo** – No caso das estruturais, e com o Censo também, nós estabelecemos um plano especial de divulgação. Em geral são grandes coletivas e nós tentamos estabelecer também uma relação mais estreita com as Divisões de Pesquisa (DIPEQs), para que se faça uma divulgação simultânea com a maioria de dados que a gente possa disponibilizar. E há uma outra linha, que eu vou lhe dar dois exemplos: o Atlas e o Dia do Meio Ambiente. O exemplo do Atlas, para mim, foi muito significativo. Nós, do IBGE, conseguimos transformar o lançamento do Atlas num evento com ampla divulgação na imprensa, num fato importante para o conhecimento do cidadão brasileiro e da sociedade. Então, há um plano especial, naqueles casos, e o atendimento normal à imprensa. Eu não sei como era antes, o que eu sei é o seguinte: nesse tempo que eu estou aqui, o número de consultas sobre os mais diferentes produtos do IBGE cresceu enormemente, quer dizer, o pessoal não trabalha apenas com o dia-a-dia, nós temos muita solicitação da mídia, de informações, números e pesquisas, além dos próprios dados conhecidos do Censo, que têm sido muito solicitados pela mídia.

**Vou te contar** – *E como você decide que ferramenta usar? Os eventos mais importantes é que necessitariam de entrevistas coletivas e os releases ficariam mais no cotidiano?*

**Gazzaneo** – Todo produto que o IBGE coloca à disposição da sociedade tem um *release*, nós preparamos um *release* para todos os produtos, às vezes uma nota,

uma informação, sempre há um *release*. Esse *release* vai invariavelmente às nove e meia da manhã, que é a hora legal para divulgação, como já disse, e ele vai para toda a mídia. Ele é colocado na internet, no site do IBGE, no Notícias, e a CGC tem uma relação de cerca de 300 jornalistas de todo o país, concentrando mais em São Paulo, Rio e Brasília, mas em todo o país. E esse *release* é enviado por e-mail, pela internet, para todos esses jornalistas. Dependendo da importância da pesquisa, nós fazemos coletiva. Algumas não têm, mas já estamos sentindo uma pressão da mídia para que em relação a algumas que não têm coletiva a gente faça coletiva.

**Vou te contar** – *Isso é um bom termômetro, não?*

**Gazzaneo** – É, de fato. Eu sei que não é fácil, os técnicos do IBGE têm seu trabalho, mas o atendimento à imprensa é um trabalho importante e os técnicos do IBGE têm que se convencer disso. Por mais dor de cabeça que isso possa acarretar, é importante na relação do IBGE com a imprensa que os técnicos disponibilizem uma parte do seu tempo aos jornalistas, desde que não prejudique trabalho nenhum. Isso é importante para fortalecer ainda mais a confiança da mídia no IBGE. A resposta dos técnicos à solicitação da mídia tem sido até muito generosa, não há caso de técnico do IBGE que tenha se recusado a falar, a conversar com a imprensa, muito pelo contrário, eles atendem, com solicitude, às vezes brigam comigo, mas tudo bem (risos), mas atendem. Isso é fundamental.

**Vou te contar** – *E existe uma preocupação de simplificar as informações técnicas (números, estatísticas) para os jornalistas?*

**Gazzaneo** – Olha como é que nós trabalhamos. O IBGE produz uma pesquisa, encaminha o relatório e, na medida do possível, a gente transforma o relatório num *release*. Nesse *release*, o nosso esforço é para que ele ressalte, em linguagem direta, clara, os dados importantes da pesquisa.

**Vou te contar** – *E você acha que a simplificação dos dados é necessária?*

**Gazzaneo** – Não é uma questão de simplificar, até porque os jornalistas que cobrem esse tipo de pesquisa são familiarizados com a área e, mal ou bem, conhecem o produto. As dúvidas a gente tira através daquilo que eu expliquei, eles telefonam para cá ou a gente resolve aqui ou encaminha ao técnico. E é bom que se diga que todos os *releases* que a CGC produz, antes de serem divulgados, são submetidos à apreciação dos técnicos responsáveis. E isso não significa desconfiança dos técnicos aos profissionais da CGC, mas é apenas para consolidar. É um procedimento que funciona e nós não vemos isso como censura, não tem problema.

**Vou te contar** – *O Censo é a maior operação do IBGE e a que mais tem divulgação na mídia.*

**Gazzaneo** – Evidentemente, o Censo é, posso usar o termo, a pesquisa mãe do IBGE. Ele é o retrato estatístico mais fiel do

Brasil. E vem tendo, na mídia, a repercussão equivalente à sua importância. E, na medida em que os novos resultados saírem, não tenho dúvidas de que a repercussão será maior ainda. Sentimos isso pela insistência da mídia em saber quando vão sair os próximos dados.

**Vou te contar** – *Que outra pesquisa você tem a destacar do ponto de vista da divulgação?*

**Gazzaneo** – A Síntese de Indicadores Sociais, porque foi um Censo pequenininho. Quer dizer, uma abordagem ampla do Brasil e isso seduziu muito, principalmente a da década. A repercussão na imprensa foi uma loucura. Mas o lançamento dos primeiros números do Censo também teve muita repercussão, evidentemente, o Censo (abre os braços para dar a dimensão do Censo) foi manchete em todo o país. E o Censo vai ser mais quando divulgar o questionário básico, quando divulgar a tabulação avançada... E a gente vai ter que trabalhar direito para poder extrair dele o melhor, para que a mídia possa dar essa dimensão aí.

“É importante na relação do IBGE com a imprensa que os técnicos disponibilizem uma parte do seu tempo aos jornalistas.”

**Vou te contar** – *Mas você diz que a Síntese teve grande repercussão em termos de resultado, não? Estamos perguntando a respeito do Censo enquanto uma operação do IBGE, que percorreu todo o país, que teve ampla divulgação desde antes do início da coleta, durante e agora com a divulgação dos resultados. Nesse sentido, o que você nos diria?*

**Gazzaneo** – Veja bem, o Censo é uma operação gigantesca, é, como eu disse, a operação mãe do IBGE, uma operação nobre. Os resultados do Censo saem num processo, os dados apurados vão saindo por etapas e vão fazendo, aos poucos, um retrato completo do Brasil, sobre todos os aspectos, e à medida que vai mostrando esse retrato, maior é o interesse da sociedade de saber como é o país. Eu diria que o Censo é uma obra aberta. A Síntese teve o seu momento, ficou duas semanas em cartaz. O Censo, não. Pela sua dimensão, ainda está em andamento. O Censo teve grandes momentos na mídia, como a divulgação dos resultados preliminares e a sinopse, que teve uma repercussão maior do que a gente imaginava. E a divulgação do questionário básico e da tabulação avançada serão outros dois grandes momentos de repercussão do Censo na mídia que nós iremos ver.

**Vou te contar** – *Você julga que o trabalho de divulgação do Censo está sendo satisfatório, quer dizer, que a assessoria está conseguindo atingir o grau esperado?*

**Gazzaneo** – Estamos. É aquele negócio que eu lhe disse, nós trabalhamos com um produto de qualidade e de confiabilidade, aí é mais fácil! Não é mérito nenhum nosso, o produto é que é bom. O produto é muito bom. O nosso é um pouquinho saber “vender”. Eu tenho uma carreira de quase 50 anos de jornalismo e eu, quando vim para cá, disse: eu sou um felizardo, porque eu estou coroadando minha vida profissional numa instituição que só engrandece o meu trabalho, só me gratifica, pelo que é a instituição.

# SIGC: testado e aprovado

Em sua estréia no Censo 2000, o SIGC, Sistema de Indicadores Gerencias de Coleta, que possibilitou gerenciar em tempo real o andamento da operação de coleta em todo o país, trouxe muitos benefícios para a realização dos trabalhos. Integrou e aproximou as unidades do IBGE, agilizou a tomada de decisão e permitiu a solução imediata de problemas que costumam aparecer na fase de coleta.

A revista **Vou te Contar** foi buscar no Nordeste, no Sul e no Centro-Oeste a opinião daqueles que, com experiências anteriores em lidar com os censos quando esse recurso ainda não existia, puderam atestar os ganhos em trabalhar com o novo sistema. Os resultados podem ser conferidos a seguir, através da palavra de três chefes de Agência.

Sóstono Alves da Silva é chefe da Agência do IBGE em Presidente Dutra, Maranhão, há dois anos e tem 23 de IBGE. Aparecido Freitas Brito, chefe da Agência de Dourados, Mato Grosso do Sul, está desde 1977 no IBGE e assumiu há dois anos a chefia em Dourados. Clayton Costa da Silva está completando 21 anos no IBGE, sendo 12 chefiando a Agência de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul.

Vamos conhecer um pouco mais sobre cada um desses representantes do IBGE em três municípios de diferentes regiões do Brasil e saber quais os resultados da utilização do SIGC e também dos mapas digitais na coleta do Censo 2000.



**Vou te contar** – *Você teve a experiência de trabalhar no Censo de 1991 e na Contagem de 96?*

**Sóstono** - No Censo de 91, fui coordenador de área e, na Contagem de 96, instrutor de grupos de agente censitário municipal e agente censitário supervisor.

**Aparecido** - No Censo de 91, fui coordenador em São Paulo, capital. Na Contagem de 96, fiz parte da equipe de campo da área da Agência de Dourados, Mato Grosso do Sul.

**Clayton** - Na Contagem de 96 e no Censo Agropecuário exerci as atividades de coordenador de área.

**Vou te contar** - *Pela sua experiência anterior, em que, na sua opinião, o SIGC, Sistema de Indicadores Gerenciais de Coleta, e os mapas digitais ajudaram no Censo 2000?*

**Sóstono** - O SIGC é um avanço extraordinário. Na medida em que a coleta acontecia, os dados eram imediatamente computados, um fator estimulador da aceleração da coleta. Tínhamos, através do sistema, uma visão das posições de

outras áreas censitárias e – é lógico – uma competição saudável. Os mapas digitalizados foram um grande salto em qualidade na representação cartográfica vigente – a precisão das informações sobre acidentes naturais, vias de acesso e localidades facilitaram muito a coleta do Censo 2000.

“Tínhamos, através do sistema, uma visão das posições de outras áreas censitárias e - é lógico - uma competição saudável”

Sóstono Alves da Silva

**Aparecido** - O IBGE, como instituição oficial das pesquisas governamentais, vinha automatizando suas pesquisas gradativamente, e o Censo 2000 era a última etapa do milênio para mostrar que é possível unir informações de norte a sul e leste a oeste, em tempo real. E o SIGC mostrou isso com dados precisos e confiáveis, além de contribuir para agilizar a coleta; a produtividade era acompanhada a todo momento. Ajudou em muito a coordenação nas tomadas de decisões. Quanto aos mapas digitalizados, foram sem dúvida uma evolução, tanto

nos setores urbanos quanto rurais, contribuindo para melhor visualização, além do enriquecimento de pontos de localização para o trabalho do recenseador.

**Clayton** - O SIGC foi uma ferramenta de grande valia. Possibilitou-me o gerenciamento, mesmo à distância, quando necessário, de toda a minha área de coordenação. No momento em que o sistema começou a ser alimentado, me ofereceu alguma segurança no andamento da coleta, cobertura dos setores, municípios e subáreas e ainda parâmetros para análise. Conseguimos garantir, com o uso de novas tecnologias e métodos, um maior gerenciamento e precisão. No final do trabalho, tive maior segurança da eficácia e dos resultados obtidos. Os mapas digitais também contribuíram. Cabe lembrar o grande salto tecnológico dos últimos anos e os cursos e treinamentos oferecidos a nós, técnicos. Na agência onde exerço a chefia, nos foi possibilitado e realizado um trabalho conjunto e de cooperação em campo, melhorando em muito o material cartográfico disponível para o Censo 2000. Estão de parabéns, também, a direção e os amigos do Setor da Base Operacional.

“O Censo 2000 era a última etapa do milênio para mostrar que é possível unir informações de norte a sul e leste a oeste”

Aparecido Freitas Brito

**Vou te contar** - *Com o SIGC, houve diferença para os supervisores locais nas operações de campo?*

**Sóstono** - Claro que sim, o SIGC tinha parâmetros que apontavam qualquer inconsistência apresentada nas informações de cada setor.

**Aparecido** - Sem dúvida, com o SIGC os supervisores locais puderam fazer acompanhamento individual de cada recenseador.

**Clayton** - Houve maior eficácia dos supervisores nos municípios-pólos e informatizados. Para os demais, esta ferramenta ficou dependente do ritmo do coordenador de subárea, na sua área de atuação. Como toda a estrutura de informática e de assimilação do sistema ocorreu concomitantemente a muitas outras, acredito que, já neste primeiro censo em que usamos o SIGC, os objetivos foram alcançados com bem maior qualidade no gerenciamento.

**Vou te contar** - *O que mudou na maneira de você trabalhar com recenseadores, setores e subáreas e de controlar os resultados?*

**Sóstono** - Podíamos observar diariamente a posição dos setores nas subáreas e nos municípios e adotar os procedimentos mais adequados: para o lançamento de setores não iniciados, para reativar os paralisados e para agilizar os que estavam com lentidão na coleta. Proporcionou melhoria no gerenciamento e, em consequência, no controle dos resultados.

**Aparecido** - O SIGC mudou a maneira de trabalhar do coordenador de área. Ele não foi tão sacrificado quanto nos censos anteriores, quando se deslocavam até enormes distâncias para acompanhar os trabalhos, dos coordenadores de subáreas aos recenseadores, e controlar os resultados. Com o SIGC, tinha o acompanhamento, a qualquer momento, de toda sua área.

**Clayton** - Tive maior segurança e passei a gerenciar com metas e objetivos bem

“Conseguimos garantir, com o uso de novas tecnologias e métodos, um maior gerenciamento e precisão” -

Clayton Costa da Silva

definidos. A equipe sentiu-se segura e vigilante, pois havia acompanhamento e troca de informações a todo o momento.

**Vou te contar** - *Que diferença realmente fez o SIGC com relação ao tempo de resolver problemas?*

**Sóstono** - Na medida em que rapidamente detectava e acusava os problemas, o SIGC proporcionou uma grande diferença de tempo, para menos, no saneamento das questões.

**Aparecido** - Como com o SIGC as informações eram rápidas, as soluções tinham que também ser rápidas, pois ele nos mostrava as falhas de campo em tempo real e, com isso, a qualidade do trabalho de coleta se tornava 100%.

**Clayton** - Obtivemos um grande resultado final no Censo 2000. Pude também compreender que, quanto menos tempo levarmos para resolver os problemas, de um lado estaremos evitando que estes se reproduzam e, ainda, os custos tornam-se bem menores no final da atividade.

#### ERRATA

Na edição nº 4 da *Vou te Contar*, na reportagem “Nova etapa do Censo 2000: entram em ação os Centros de Captura de Dados”, publicada na seção Espaço Aberto (p.13), a capacidade de operação do CCD de Curitiba é, na verdade, de 13.000.000 de questionários processados e não de 13.000 questionários.

# Vamos Contar!

## Um projeto de cidadania

Foto: Alvaro Vasconcellos



Solange ressalta que o projeto **Vamos Contar!** possibilitou que professores e alunos compreendessem melhor os usos que se pode fazer dos resultados de um censo.

O projeto “*Vamos Contar!* - Censo 2000 nas escolas”, que abriu em grande estilo a primeira edição da nossa revista, falando sobre sua fase experimental em Marília (SP), volta a ser tema de matéria na ***You te Contar***. Agora para saber como se desenvolveu nos diversos estabelecimentos de ensino da rede pública e particular de todo o país e como foi recebido.

Para falar sobre o assunto, entrevistamos a coordenadora do projeto, Solange Makrakis, do Centro de Documentação e Disseminação de Informações do IBGE, que informou de imediato que, apesar de alguns problemas inevitáveis e até esperados em um trabalho desse porte, o material do projeto chegou a praticamente todas as escolas do Brasil e “que foi muito bem recebido”.

Ela disse que o projeto apresentou resultado positivo e que “as escolas têm considerado que o material utilizado vai continuar servindo para as atividades curriculares, sempre

que o planejamento pedagógico permitir e o professor julgar oportuno”. Segundo Makrakis, isso acontece porque o projeto “foi estruturado de tal forma que não se esgotasse apenas com a fase de realização da coleta de dados do Censo 2000, mas sim levasse às escolas material de boa qualidade para uso irrestrito por parte dos professores”.

O *Vamos Contar!*, como todos sabemos, resulta de um trabalho meticuloso no tocante ao seu conteúdo, que é voltado para o ensino fundamental e médio. O material foi elaborado pelo IBGE, de acordo com os parâmetros curriculares do Ministério da Educação – MEC e avaliado por consultores do ministério.

Com o objetivo de atingir um milhão de salas de aula, o material didático enviado às escolas consistia em Guia do Professor (para a 1ª a 4ª e 5ª a 8ª série do ensino fundamental e para as séries do ensino médio) com sugestões de atividades e orientações para serem desenvolvidas em sala de aula, mapas do Brasil, com população por estado e mapa político, além de um folheto, com as principais informações sobre o Censo 2000. Foram enviados também cartazes de divulgação, cartas explicativas e uma ficha de avaliação em formato de carta-resposta, para que professores e diretores fizessem suas observações e comentários sobre o projeto.

“Enviamos um milhão de mapas, 1.500.000 guias, 2.000.000 folhetos, 400.000 cartazes e 3.500.000 cartas. Foi

muita coisa”, ressalta Makrakis. Os guias do professor e os mapas foram fundamentais para o trabalho de conscientização sobre a importância das informações colhidas pelo Censo. Através desse material, foi possível mostrar como os dados da pesquisa são instrumentos imprescindíveis para o exercício da cidadania.

O *Vamos Contar!* possibilitou ainda que professores e alunos compreendessem os usos dos resultados do Censo. “No princípio, havia a idéia inicial de mobilização, do envolvimento da escola, da comunidade, da colaboração, de abrir as portas para o Censo. Só que o *Vamos Contar!* cresceu, foi tomando corpo. Com o próprio teste (a fase experimental), o nosso envolvimento, o trabalho que foi feito, vimos que foi muito além daquela idéia inicial”, explica Makrakis.

Sem falar que o material distribuído foi ao encontro daquilo que as escolas mais precisavam: informação e material. “Pelo retorno que tivemos dos professores, a gente percebe que eles consideraram o material recebido muito rico”.

Outro fator positivo foram as parcerias com o projeto. Uma delas com o programa Amigos da Escola, que visa fortalecer a participação comunitária na escola pública brasileira, no sentido de melhorá-la. Por conta desta união, foram anexados às peças do material do *Vamos Contar!* folhetos do programa apresentando e manifestando apoio ao projeto do IBGE.

“O programa Amigos da Escola considerou o projeto do IBGE também um ‘amigo da escola’ e teve todo o interesse na parceria. Ela permitiu um acompanhamento da aplicação do *Vamos Contar!* pelos voluntários do Amigos da Escola, que tem cadastradas em torno de 23 mil escolas”, diz Makrakis.

Outra parceria importante foi a estabelecida com o Ministério da Justiça de inserir no projeto a questão das pessoas portadoras de deficiência, nos moldes do que já havia sido feito nos quesitos da pesquisa do Censo 2000. No caso, “o assunto foi inserido como tema transversal, assim como citamos alguma coisa do analfabetismo, mostrando os nossos dados e como eles podem ajudar na vida do cidadão e de que forma isso é assimilado dentro das escolas”. Solange conta ainda que “houve divulgação na mídia e cartazes de pessoas portadoras de deficiência foram distribuídos em dez mil escolas, com boa repercussão”.

As escolas tinham prazo até o último dia 30 de junho para devolver ao IBGE as fichas de avaliação do *Vamos Contar!* Estima-se que das 200 mil escolas que receberam o material, cerca de 100 mil devolveram a ficha preenchida. As opiniões dos professores e diretores de escola já estão sendo tabuladas e os resultados poderão ser conferidos na próxima edição.

# O Censo 2000 já tem história para contar

Histórias reveladas pelos censos, assim como os “causos” contados pelos recenseadores, são assunto que rendem boas matérias na imprensa, porque sempre conseguem ser uma novidade. No Censo 2000, mais uma vez, muitas dessas histórias foram mostradas pelos jornais e revistas de todo o país, que as noticiaram sempre com a espirituosidade que merecem ter. A **Vou te Contar** acompanhou a cobertura do recenseamento pelo que foi divulgado através desses veículos de comunicação e selecionou histórias interessantes, curiosas e até engraçadas que foram registradas durante a coleta do Censo 2000. Vamos conhecer algumas delas.

## Pedalando em Chapecó

A dificuldade de vencer as distâncias, os percalços e encontrar soluções para conseguir contar as pessoas foram bem mostrados pelo Diário Catarinense (17/09/00), que lembrou as agruras de coletar os dados no setor rural. Fica mais fácil de ser feito quando são contratados recenseadores familiarizados com as localidades. O personagem da matéria do Diário é Evandro Luiz, um desses recenseadores locais, que, em Chapecó (município do oeste de Santa Catarina, a 630 Km de Florianópolis), traçou seu roteiro de visitas para conseguir contar todo mundo. Começou fazendo a pé a sua tarefa e depois passou a utilizar também a bicicleta. Nos dias em que conseguia trabalhar de bicicleta visitava cerca de 40 casas (quando a pé eram apenas cinco ou seis). Tudo muito bem planejado, podia descansar na jornada seguinte. Bem planejado mesmo, já que a bicicleta foi uma escolha estratégica. Quando percebia que ia ter que atravessar lavouras e rios para chegar até as casas, ele não a levava. Isto porque guardou bem a lembrança do dia em que resolveu

cortar caminho e se deparou com uma ladeira tão íngreme que teve de levar a bicicleta nas costas.

## Nem tão longe, mas distante

Não tão distante assim está a Ilha da Feitoria, a uma hora de barco de Pelotas, sul do Rio Grande do Sul, como contou o Diário Popular de Pelotas (20/8/00), que acompanhou a visita de dois supervisores e do coordenador de subárea Francisco Soares àquele local. Mas lá, alguns moradores não sabiam responder sequer sua data de nascimento. A água não é tratada, não há luz e nem uma comunicação direta com a cidade. São seis casas, apenas três habitadas. Televisão é à bateria e o banho, na Lagoa dos Patos.

## Agora longe de verdade

A Ilha de Parazinho, no Amapá, virou notícia quando o IBGE lá esteve para entrevistar seu Dionísio, o chefe de família de seu único domicílio. Para chegar lá são 10 horas de “gaiola” (navegação fluvial a vapor) e depois baldeação para

uma “voadeira” (uma barca larga e pouco funda, movida por uma espécie de ventilador e que é bem veloz) por causa dos igarapés (assim dizia a nota do jornalista Ancelmo Gois, de 11/10/00, no site no.com.br).

## Romance de ficção

As histórias ainda conseguem ser inusitadas e a realidade, uma ficção. O Diário Catarinense (17/9/00) contou: na capital Florianópolis, uma doceira que virou recenseadora, ao conversar com um entrevistado, descobriu que os dois tinham em comum o fato de que tinham nascido em Chapecó (oeste de Santa Catarina). Lá ele tinha deixado uma paixão, 50 anos atrás. Ao dizer o nome, a surpresa: era a mãe da recenseadora.

## As cidades fronteiras

As cidades que ficam nas divisas trazem as questões mais curiosas. O jornal Zero Hora (15/8/00) mostrou a situação de Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, que faz fronteira com a cidade uruguaia de Rivera.

Parte de uma quadra do bairro chamado Divisa está em território uruguaio. Ali há uma avenida sem nome, conhecida porque separa os dois países, uma linha divisória, e as construções, num certo trecho, acompanharam o trajeto da avenida, não os marcos que delimitam a fronteira. Resultado: há um estabelecimento comercial, por exemplo, que tem a porta sobre a linha divisória, além de uma residência em solo uruguaio, e recebem os dois luz e água da cidade brasileira. Outra residência, ao contrário, ficou fora da pesquisa porque recebe luz e numeração da cidade uruguaia. Uma das famílias que responderam ao Censo mora na Avenida Marechal Mallet, que é brasileira. A casa está registrada em Livramento, paga luz e água no Brasil, mas o telefone, assim como parte do terreno, são uruguaios.

## Incomunicável

As grandes distâncias entre os domicílios, freqüentes na Amazônia e no Pantanal, foram lembradas pelo jornal O Estado de São Paulo (9/10/00) que registrou o caso de um recenseador que passou oito dias direto percorrendo, a cavalo, fazendas de Mato Grosso. Sem se comunicar com os colegas ou com a família, deixou todo mundo rezando por ele, pois ninguém sabia o que podia estar acontecendo.

## Quem vence: a natureza ou o Censo?

Direto da Amazônia, de Iranduba, o correspondente do New York Times (28/10/00) falando do Censo 2000 descreveu as aventuras dos recenseadores que percorrem essas grandes distâncias nas situações mais adversas.

A professora de 26 anos, France Maria de Souza, desbravou o rio Solimões para recensear 22 famílias de uma ilha local. Usando como transporte um pequeno barco a motor, porém sem cobertura, debaixo do sol escaldante e tropical, em seu colete salva-vidas (não sabia nadar), torcia para encontrar todo mundo em casa. Sabia que ali, talvez uma semana depois, já não pudesse retornar. Estava quase na estação das chuvas da região, o que tornaria aquele trajeto impossível de ser feito e aquelas pessoas, por um período, incomunicáveis.

## Muita diplomacia e suor

O recenseador Dangers da Costa Castro, de 22 anos, também aparece na mesma matéria do New York Times. Em sua primeira experiência em ter um emprego, é descrito pelo correspondente como dono de um estilo gentil e paciente para não assustar os ansiosos entrevistados. Chegava a passar direto três semanas na selva, suando, de casa em casa (a barco), viajando pelo entrelaçado de rios, córregos e lagoas que formam o Amazonas. O barco às vezes servindo de casa durante as excursões às áreas mais afastadas. E os dois, ele e o barqueiro, amarrando as redes de dormir no barco ao fim do dia, cozinhando a singela refeição no fogão a gás. Levava sempre sua provisão: comida enlatada. Apesar disso, muitas vezes, a hospitalidade dos entrevistados em oferecer algum peixe, fruta ou mandioca era muito bem vinda. As nuvens de mosquitos (tão mínimos que muitas vezes mal se podia vê-los, apenas senti-los descendo sobre eles ao cair da noite) foram para ele a pior parte de toda a sua história.

## Os nomes, sempre uma surpresa

Uma história que não é propriamente do Censo 2000, mas que foi lembrada pelo jornal O Globo (20/10/00), na seção “Há 50 anos”, em virtude da realização deste. Em 1950, o Censo revelou fatos curiosíssimos em Petrópolis, município da região serrana do Estado do Rio de Janeiro. Encontraram pessoas que habitavam cavernas, como os trogloditas, uma mulher que tinha uma árvore como residência e uma favela no cemitério. E aqueles nomes, que é quase impossível encontrar outros iguais: os quatro irmãos Chevrolet, Fiat, Hudson e Chrysler Imperial. Naquele ano contaram 107.943 mil habitantes em Petrópolis. Segundo a Sinopse preliminar do Censo 2000, o município tem atualmente 286.348 mil habitantes.

## Em briga de marido e mulher...

A história foi divulgada pelo jornal O Estado do Maranhão (24/9/00). Era para ser mais uma entre tantas entrevistas no Censo 2000, na cidade de São Luiz. Na casa, morava um casal e tudo transcorria normalmente até o momento em que o recenseador perguntou o estado civil do entrevistado. A resposta foi a de que tratava-se de união consensual (amasiado). Foi o suficiente para que a mulher interrompesse a entrevista, aos gritos, gerando uma briga conjugal, já que ela considerava o parceiro como marido. A situação foi piorando, a mulher ameaçava fazer as malas e ir embora. Adivinha quem levou a culpa da confusão? O recenseador.

# Sinopse preliminar: mais resultados do Censo 2000

“Com o lançamento da Sinopse Preliminar do Censo Demográfico 2000, nos vemos diante de mais um compromisso cumprido pelo IBGE, no seu esforço gigantesco de informar o mais rápido possível para a sociedade os resultados dos dados coletados pela operação do Censo.”

Alicia Bercovich explicou aos jornalistas que com os dados referentes aos domicílios, apresentados na Sinopse, é possível fazer uma série de conclusões sobre a distribuição da população brasileira.



Foto: Alvaro Vasconcellos

Foi com esta frase que o diretor executivo do IBGE, Nuno Duarte Bittencourt, abriu o lançamento da publicação Sinopse Preliminar do Censo Demográfico 2000, realizado em maio, no auditório Magali Andrade Coutinho, nas instalações do IBGE, na Avenida Chile, no Rio de Janeiro. O evento contou, também, com a presença da diretora-adjunta da Diretoria de Pesquisas (DPE), Zélia Bianchini, do coordenador técnico do Censo Demográfico, Marco Antonio Alexandre, da coordenadora do Comitê do Censo Demográfico 2000, Alicia Bercovich, e da técnica do Departamento de População e Indicadores Sociais (DEPIS), da DPE, Nilza Pereira.

A Sinopse Preliminar dá continuidade à divulgação dos resultados preliminares do Censo 2000 e traz como principal novidade os dados sobre domicílios. A importância dos números divulgados atraiu a presença de jornalistas de diversos veículos de comunicação, que acompanharam atentamente a exposição de cada um dos representantes do IBGE e os gráficos apresentados. Num segundo momento, teve início a entrevista coletiva, com espaço aberto para a colocação de perguntas por parte dos jornalistas, ávidos pelos mais recentes resultados do Censo 2000.

A Sinopse Preliminar revela que a quantidade de domicílios no Brasil aumentou em relação ao último levantamento. O número de domicílios ocupados no Brasil cresceu 28,95%, em comparação com o Censo de 1991, passando de 34,9 milhões para 45 milhões, em 2000. Entretanto, o número de moradores por domicílio diminuiu: a média que era de 4,15 moradores por domicílio caiu para 3,75 no Censo 2000. Na região Norte, a média é a maior do país: 4,52. A menor é a da região Sul, com 3,45 moradores por domicílio.

Ainda ressaltando a importância da Sinopse Preliminar, Nuno Bittencourt explicou que essa publicação mantém uma série histórica. “Esta é a sétima Sinopse que o IBGE faz e traz os resultados referentes aos domicílios. É a única publicação que trata dos domicílios em todos os Censos: particulares e coletivos, e os domicílios vagos, de uso ocasional e fechados.” E acrescentou: “tem uma outra importância, que é o fato de que ela ajusta a população de um número significativo de municípios que estão com população diferente do número divulgado em dezembro, pelo IBGE, por razões diversas.”

A diretora-adjunta da DPE, Zélia Bianchini, fez questão de lembrar aos jornalistas que os resultados que a Sinopse traz, como o próprio título da publicação diz, ainda são preliminares. “É um resumo da coleta.



Os definitivos (os resultados) só vão aparecer a partir da leitura dos questionários”. Mais adiante, Alicia Bercovich falou mais sobre esse aspecto. “A Sinopse é uma publicação que traz divulgados os resultados correspondentes à apuração preliminar, e com mais tempo, dos instrumentos de controle da coleta. Quer dizer, ainda não é com base nos questionários, não é definitiva.”

A Sinopse Preliminar apresenta dados sobre população, domicílios, relação entre população e domicílios e sobre densidade demográfica. “Dá para calcular o número médio de moradores por domicílio e a população por sexo. Pode-se fazer, também, uma série de conclusões: de como está distribuída a população nas zonas urbanas e rurais ou como está distribuída por sexo”. Alicia ressaltou, ainda, que a importância da Sinopse está nos dados dos domicílios, que são fundamentais para quem trabalha a questão da população, além de serem muito úteis para planejamento.

Na apresentação dos gráficos e tabelas, o coordenador técnico Marco Antonio Alexandre chamou a atenção para a “homogeneidade do resultado que a coleta apresentou em todas as unidades da

federação”. Por exemplo, o percentual de domicílios particulares ocupados – onde havia moradores na data de referência do Censo e foi realizada a entrevista – ficou entre 80 e 90% em to-

das as Unidades da Federação. Marco Antonio também destacou a porcentagem pequena de domicílios fechados – onde os moradores estavam temporariamente ausentes durante todo o período da coleta – que foi próxima ou inferior a um por cento. “Das 27 Unidades da Federação, 18 têm porcentagem abaixo de um por cento de domicílios fechados”.

Durante a coletiva, Nilza Pereira esclareceu os questionamentos mais específicos de alguns jornalistas sobre crescimento das áreas metropolitanas, dos centros urbanos, taxa de participação, dentre outros.

A Sinopse Preliminar do Censo Demográfico 2000 traz um retrospecto dos censos desde 1872, além de dados de população ajustados, análises demográficas, os números de domicílios segundo a espécie e situação e a relação dos municípios instalados em janeiro de 2001. O CD-ROM que acompanha a publicação reúne todas as tabelas da publicação, por unidades da federação, municípios e distritos.

Com o lançamento da Sinopse, o IBGE atingiu a segunda meta de divulgação dos resultados preliminares do Censo 2000. Os próximos resultados, que correspondem ao total da população pesquisada, com o conteúdo do questionário básico, têm previsão de divulgação em dezembro. São dados sobre alfabetização, grau de instrução e renda do responsável pelo domicílio, sexo e população por faixa etária. E ainda, características dos domicílios ocupados, tais como, sistema de água e esgoto, coleta de lixo, número de cômodos e se é próprio, alugado ou cedido. Em 2002, serão divulgados dados sobre as características gerais da população, como composição familiar, cor, religião, educação, pessoas portadoras de deficiência, migração, mão-de-obra e fecundidade.

O coordenador técnico do Censo 2000, Marco Antonio Alexandre, baseou sua apresentação nos resultados específicos de cada categoria de domicílio.



Foto: Alvaro Vasconcellos

## Parece, mas não é

Casa, residência, moradia, habitação. Os sinônimos para a palavra *domicílio* são muitos. Mas quando se trata de um levantamento estatístico, não bastam sinônimos. É preciso que o significado de cada palavra esteja bem definido, pois este será o conceito utilizado na pesquisa.

O Censo 2000, assim como qualquer outro levantamento estatístico, é cercado de procedimentos metodológicos, para que os dados obtidos possam ser precisos e corretos. Sendo assim, para o Censo, *domicílio* é o local

e saem dele por um acesso direto, sem passar por outras moradias, e quando é limitado por paredes, muros, teto, enfim, isolando as pessoas que nele vivem das demais.

Com esse conceito definido, fica fácil saber o que é e o que não é domicílio. E, a partir daí, classificar os tipos de domicílios. Pois este é o destaque da Sinopse Preliminar: os resultados do Censo 2000 referentes aos domicílios. Veja, a seguir, quais são os tipos de domicílios que existem e sua quantidade, segundo a Sinopse Preliminar do Censo 2000.

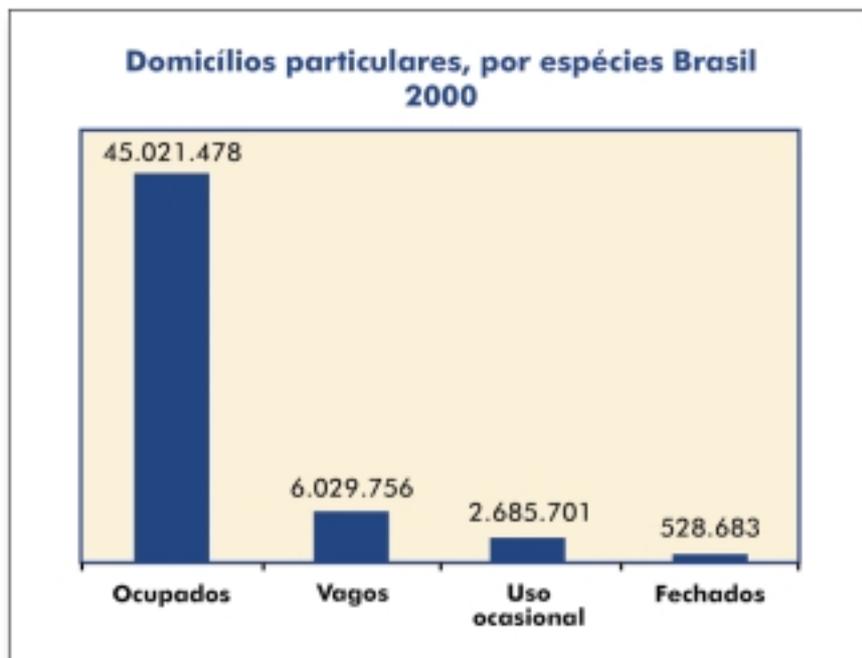
caso de hotéis, pensões, orfanatos, conventos, presídios, asilos, postos militares e outros estabelecimentos similares.

Os domicílios particulares se subdividem em **ocupados**, que são os que na data de referência do Censo estavam ocupados por moradores e lá foi realizada a entrevista, e em **não-ocupados**, que são os tipos a seguir:

- **domicílio fechado** – é aquele em que os moradores estavam temporariamente ausentes durante todo o período da coleta.

- **domicílio vago** – é aquele que não tinha morador na data de referência do Censo, ainda que fosse ocupado posteriormente, durante o período da coleta.

- **domicílio de uso ocasional** – são os que servem ocasionalmente de moradia, por exemplo, para descanso, férias, fins de semana ou outra finalidade semelhante.



estruturalmente separado e independente, que se destina a servir de habitação a uma ou mais pessoas, ou que esteja sendo utilizado como tal.

Pode parecer uma definição complicada, porém necessária. Para a coleta do Censo 2000, um domicílio é caracterizado como tal quando os moradores entram

- **domicílio particular** – é aquele onde o relacionamento entre seus ocupantes é ditado por laços de parentesco, de dependência doméstica ou por normas de convivência.

- **domicílio coletivo** – é aquele onde a relação entre os moradores é restrita a normas de subordinação administrativa. É o

## Domicílios recenseados

### Particulares

54.265.618

### Coletivos

72.052

### Total

54.337.670

Fonte: IBGE, Sinopse Preliminar do Censo Demográfico 2000.

# Bolívia já tem os resultados preliminares de seu Censo 2001

**A**pós um intervalo oito anos, o Censo Nacional de População e Domicílios 2001 na Bolívia não só foi a campo, sendo realizado no dia 5 de setembro, como já divulgou alguns resultados preliminares, disponíveis na página do Instituto Nacional de Estatística (INE), na internet ([www.ine.gov.bo](http://www.ine.gov.bo)).

No total, foram recenseados 4.141.854 habitantes. Comparando-se ao Censo de 1992, o número de bolivianos aumentou 39,4%. Há 9 anos, a pesquisa contou 2.971.315 pessoas, como se pode observar no quadro abaixo que contém, além desta, outras informações.

Num período de 175 anos, a Bolívia realizou nove pesquisas censitárias, sendo a primeira em 1831.

Para a megaoperação de 2001, o país se preparou desde 1998. Nestes três anos, uma extensa lista de tarefas foi cumprida: atualização cartográfica das bases rural e urbana, com duas provas pilotos (uma em Puerto Quijarro e outra em El Alto); um Censo Experimental em Bertanzos e reuniões com integrantes do Mercosul e Comunidade Andina para gerar indicadores comuns entre os países.

Número de habitantes (Bolívia)

	Censo de 1992	Censo 2001 Resultados preliminares
<b>Homens</b>	1.439.839	2.004.782
<b>Mulheres</b>	1.534.476	2.137.072
<b>Total</b>	2.971.315	4.141.854

## O grande dia

Na Bolívia, dia de Censo é dia de ficar em casa. No dia 5 de setembro, data marcada para a coleta, os bolivianos deveriam permanecer em casa, seguindo recomendação do governo para que só saíssem às ruas no dia seguinte ao recenseamento.

A partir da 0 hora do dia 5, todas as atividades públicas e privadas foram suspensas, com exceção dos serviços com caráter de emergência, como os de saúde e meios de comunicação.

Também foram suspensos os transportes terrestres, ferroviário, aéreo e marítimo. Somente os vôos internacionais foram liberados.

E só quem portava permissão especial concedida pelo governo boliviano pôde circular pelas ruas da cidade, que ficou mobilizada para que tudo transcorresse bem.

O governo solicitou também que os moradores não saíssem com seus cães nas ruas para não colocar em risco os recenseadores, alegando que este tipo de cooperação assegura a integridade física dos mesmos. Segundo informações no *site* do INE na internet, só em 2000, existiam 771.999 cães nos centros urbanos mais importantes da Bolívia.

A coleta começou pontualmente às 7h com o recenseamento do presidente da república boli-

MEDEIROS/CANELAS



viana Jorge Quiroga Ramírez, sendo encerrada às 21h do mesmo dia nas áreas urbanas, e dois dias depois nas áreas rurais.

Na opinião do presidente, publicada no *site* do INE, tanto a operação censitária como a receptividade dos bolivianos em abrir as portas aos recenseadores foram positivas.

Uma megaoperação, movimentando cerca de 11,7 milhões de dólares, que contou com professores do setor público e privado de todos os níveis de ensino para atuarem como recenseadores e supervisores, além de estudantes das últimas séries do ensino médio de estabelecimentos públicos e privados que tiveram nota 7.0 em História ou Educação Cívica no trimestre escolar de abril, maio e junho.

No total, 150.000 voluntários percorreram os quatro cantos do país para recensear uma média de 50 domicílios cada um.

Sete dias por semana, horas a fio, os envolvidos na operação trabalharam incessantemente para que tudo desse certo na coleta. Nas pranchetas dos recenseadores, 2.700.000 questionários para saber o número de bolivianos, como vivem e em que condições.

## Com um empurrãozinho

Para realizar a tarefa de conhecer as características econômicas, sociais e demográficas do povo boliviano, além de fazer um diagnóstico estatístico preciso do país, um comitê nacional, nove departamentais e alguns municipais foram implantados e vêm se esforçando em promover, facilitar e assessorar as atividades censitárias.

O Comitê Impulsionador Nacional foi criado no Censo de 1992, mas, neste ano, tem o caráter de novidade, na medida em que personalidades de grande reconhecimento social no país foram convidadas a se integrar. Como, por exemplo, o ex-presidente Victor Hugo Cárdenas, vice-presidente do nacional e os ministros José Luis Lupo e Hugo Carvajal.

A principal tarefa dos comitês, no entanto, foi estimular a população a responder ao Censo. Na esteira do slogan “Tú tienes la respuesta - abre tu puerta al futuro, colabora con el Censo 2001”, que permeia toda a campanha publicitária do Censo, os participantes dos comitês mobilizaram a população a não deixar de receber o recenseador.

## Benefícios

Os resultados do Censo 2001 da Bolívia permitirão avaliar os avanços observados nas políticas econômicas e sociais implantadas no país, na última década, bem como definir uma série de questões de ordem política, econômica e social.

Os dados sobre distribuição territorial da população, revelados no Censo, possibilitam, por exemplo, definir as circunscrições eleitorais, as unidades político-administrativas e a população com direito ao voto tanto para as eleições gerais quanto municipais. Pelas leis bolivianas, a partir do número de habitantes, é possível determinar a distribuição de deputados pelo território.

Também influem na destinação de recursos da coparticipação tributária, repartido proporcionalmente ao número de habitantes de cada município

boliviano. Além disso, os 90 milhões de recursos anuais obtidos pela redução da dívida externa são distribuídos de forma igualitária tendo como base os indicadores de pobreza revelados no Censo 2001.

Já o comércio, a indústria e as empresas em geral se beneficiarão do que o recenseamento vai revelar na medida em que poderão estimar a demanda dos bens e serviços a partir de informações sobre a distribuição da população por idade e sexo. Além de decidir sobre os melhores locais para estabelecer negócios a partir de dados sobre disponibilidade de mão-de-obra local e tamanho do mercado.

## Conheça um pouco mais sobre a Bolívia

Com extensão territorial de 1.098.581 Km<sup>2</sup>, a Bolívia situa-se na zona central da América do Sul e se divide em três zonas geográficas predominantes: andina (abrange 28% do país), subandina (13%) e llanos (59%) que são as áreas de planície.

O país está estruturado administrativa e politicamente em cidades-capitais (Cochabamba, La Paz, Oruro, Potosí, Sucre, Tarija, Santa Cruz de la Sierra, Trinidad e Cobija), 112 províncias, 312 municípios e 1.384 distritos.

Pela constituição de 1967, a capital da Bolívia é Sucre. Já La Paz é a sede do governo e também o departamento mais populoso, com 1.900.786 habitantes, seguido de Santa Cruz, com 1.364.389, em decorrência das importantes migrações oriundas do campo. Hoje, constitui o mais importante centro socioeconômico e político do país e da região andina.

## Parceria: receita de sucesso na Comissão Censitária Municipal da cidade do Rio de Janeiro

Foto: Alvaro Vasconcellos



Instalada em 12/07/2000 a Comissão Censitária Municipal (CCM) da Cidade do Rio de Janeiro teve em sua abertura a participação de Entidades de Classe, Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa Pereira Passos, SEBRAE, Câmara Municipal de Vereadores, etc. Presidindo os trabalhos estava à frente o senhor Romualdo Pereira de Rezende, representante do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e demais assessores.

O objetivo da CCM era alcançar o maior número de habitantes através de seus representantes, a fim de divulgar a importância para o Brasil da realização da coleta de dados e da participação de todos respondendo corretamente. Assim conseguiremos efetivamente conhecer os habitantes desse país.

Como destaque, pode-se citar a tamanha divulgação pela mídia dos

trabalhos realizados pelos agentes recenseadores, cartas aos condomínios, cartazes publicitários, propaganda em rádio e televisão, etc., nunca antes vista em outros censos brasileiros.

O SECOVI-RJ – Sindicato da Habitação, adotando esta idéia de participação Estado-Sociedade, através de seus representados divulgou diretamente às empresas e condomínios filiados a importância do Censo 2000 para o desenvolvimento do Brasil e principalmente do Setor Imobiliário, pois podemos conhecer profundamente o perfil de nossos representados.

Durante as reuniões, regularmente mensais, pôde ser observada a evolução do trabalho *on line*, demonstrado pelo sistema utilizado no Censo, através da Internet com o raio-X das regiões administrativas da cidade. Observaram-se áreas críticas e apresentaram-se sugestões para facilitar o trabalho do recenseador.

Prontamente, o SECOVI-RJ, como órgão de classe, colocou-se à disposição para divulgar o trabalho do IBGE no Censo 2000, entrando em contato diretamente com as administradoras e condomínios na distribuição de kits do Censo (cartaz, carta aos síndicos, bloco de recados para o agente recenseador, cartazes promocionais e botons). A revista SECOVI-hoje, a página na Internet e jornal eletrônico por e-mail – Secovimail, auxiliaram na divulgação aos filiados da participação e colaboração direta do Censo 2000.

Diante do êxito das parcerias obtidas acreditamos que em nenhum momento o Brasil alcançou um contingente tão grande tanto em extensão territorial quanto no número de residências visitadas, sem falar nos agentes contratados.

Em nosso município o sucesso das informações mais próximas da realidade nos capacitará a fazer os investimentos certos em todas as áreas de infra-estrutura para os habitantes e suas necessidades.

Nos trabalhos preliminares foram divulgados os seguintes dados:

**Total de Habitantes:** 5.850.544

**Homens:** 2.744.262

**Mulheres:** 3.106.282

As outras informações mais detalhadas serão divulgadas mais tarde onde há direcionamento dos interesses de cada participante, e também as publicações com aspectos específicos da população brasileira ao término das pesquisas onde o IBGE traçará o raio-X de todos os setores do país.

### Hélio Lívio Freda Mascarenhas

Coordenador de Relações Político-Institucionais do SECOVI-RJ

Membro da Comissão Censitária Municipal da Cidade do Rio de Janeiro

# Perfil dos Municípios Brasileiros

## Pesquisa de Informações Básicas Municipais

1999



- **Informações pesquisadas nos registros administrativos das prefeituras: estrutura administrativa, programas sociais, ofertas de serviços e de infra-estrutura urbana, entre outras.**
- **Fonte de informação para a construção de indicadores municipais, sob a forma de textos, gráficos, cartogramas e tabelas.**

**Inclui CD-ROM com base de dados por município.**

# FAUNA

ameaçada de extinção



Uma publicação que mostra parte da riqueza da fauna brasileira e os riscos de extinção a que está exposta.

Fotos e textos com suas características e distribuição geográfica das espécies que fazem parte da Lista Oficial da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção representativas dos mais diversos ecossistemas das regiões brasileiras: Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Pantanal, Campos e Caatinga.

0800 218181

[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)